



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB**  
**UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE**  
**CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**

**LUIZ GRACIA SANTOS**

**Práticas de professoras alfabetizadoras de uma escola pública  
municipal de Serra do Ramalho - BA**

**Carinhanha – BA, 14 de março de 2014.**

**LUIZ GRACIA SANTOS**

**Práticas de professoras alfabetizadoras de uma escola pública  
municipal de Serra do Ramalho - BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília,  
como requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Norma Lúcia Neris de Queiroz.

**Carinhanha – BA, 14 de março de 2014.**

SANTOS, Luiz Gracia. **Práticas de professoras alfabetizadoras de uma escola pública municipal de Serra do Ramalho - BA**, 14 de março de 2014. Trabalho com 71 páginas.

Faculdade de Educação - FE, Universidade de Brasília–UnB/  
Universidade Aberta do Brasil.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia.  
FE/UnB – UAB

**Práticas de professoras alfabetizadoras de uma escola  
pública municipal de Serra do Ramalho - BA**

**Carinhanha – BA, 14 de março de 2014.**

## LUIZ GRACIA SANTOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de licenciado em Pedagogia a distância pela Faculdade de Educação– FE da Universidade de Brasília – UnB/UAB.

### **Banca Examinadora**

---

Profa. Dra Norma Lúcia Neris de Queiroz (Orientadora)

---

Profa. MsC Sandra Regina Santana Costa (Examinadora)

---

Profa. MsC Luzia Costa Sousa Souza (Examinadora)

Carinhanha – BA, 14 de março de 2014.

## Dedicatória

Dedico este trabalho a todos e todas que de alguma forma contribuíram para que eu pudesse trilhar esse caminho e experienciar cada momento aqui narrado.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, compositor da vida, escritor de toda minha história e meu mestre. Meu intercessor em todos os momentos, pela graça de concluir o curso com êxito e imensa alegria.

Às professoras que participaram desta pesquisa que, através de sua espontaneidade, alegria e perspicácia, auxiliaram-me na compreensão dos processos de alfabetização e de letramento.

À minha orientadora, pela sua generosidade em compartilhar comigo seus conhecimentos na área da alfabetização, imprescindíveis na minha formação docente.

Aos colegas de turma, pelas belas trocas de experiências proporcionadas no cotidiano da sala de aula.

Aos meus familiares e amigos, pelo apoio constante e por compreenderem as minhas ausências nos encontros realizados nos finais de semana.

Às tutoras presenciais e a distância e todos os professores e professoras que deixaram sua marca registrada, que jamais, esqueceremos o meu muito obrigado.

[...] Se a educação sozinha não transforma a sociedade,  
sem ela tampouco a sociedade muda.

Se a nossa opção é progressista,  
se estamos a favor da vida e não da morte,  
da equidade e não da injustiça,  
do direito e não do arbítrio,  
da convivência com o diferente e não de sua negação,  
não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção.

Encarná-la, diminuindo assim a distância entre  
o que dizemos e o que fazemos [...].

(FREIRE, 2000, p.67)



## RESUMO

Alfabetização e letramento tem sido um tema muito discutido na contemporaneidade, por conta da existência de muitas questões no campo da aprendizagem. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho consistiu em analisar se as práticas de alfabetização e letramento desenvolvidas pelas professoras de uma escola da rede pública de ensino de Serra do Ramalho-BA contribuíam para o desenvolvimento da aprendizagem de seus alunos. Para tanto, este estudo, abordou a alfabetização e letramento no processo educativo de alunos do ensino fundamental I, partindo dos desafios enfrentados e das práticas utilizadas pelas professoras alfabetizadoras. Para a realização desse estudo, optou-se pela pesquisa qualitativa, subsidiada nos seguintes autores Ferreiro & Teberosky (1986), Ferreiro (2003), Freire (1988), Cunha (2007), Chartier (2002), Ludke e André (1986) e Soares (2004). Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados: a observação participante e o questionário. A presente pesquisa aproximou da conclusão que as professoras não apresentavam uma formação específica para o trabalho com alfabetização e letramento, mas faziam uso de práticas que valorizavam conhecimentos teóricos e metodológicos pautados na realidade dos sujeitos aprendentes de forma que contribuíam para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. Assim sendo, a prática das professoras alfabetizadoras deixavam claro que alfabetizar e letrar eram ações complementares, bem como a discussão e as observações feitas versavam sobre a validade de uma prática de alfabetização na perspectiva do letramento.

**Palavras-chave:** Professoras alfabetizadoras; Alfabetização; Letramento e Práticas pedagógicas.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>10</b>
 <b>1ª PARTE: Memorial Educativo .....</b>	<b>12</b>
I - Introdução .....	12
1.1 Breve biografia .....	13
2. Meu trajeto acadêmico .....	14
2.1. Formação Básica: percurso histórico .....	14
3. Formação Acadêmica .....	19
3.1. Por que o curso de Pedagogia? .....	19
4. Vida profissional: eu professor .....	21
5. Um pouco da história da pedagogia .....	25
6. Relato da experiência acadêmica nas disciplinas de formação .....	26
 <b>2ª PARTE: PESQUISA .....</b>	<b>33</b>
2.1 Introdução .....	33
Objetivo geral .....	34
Objetivos específicos .....	34
 <b>CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>36</b>
1.1 Letramento e Alfabetização .....	37
1.2 A construção das práticas pelos professores no cotidiano da sala de aula .....	40
1.3 Desafios da prática pedagógica alfabetizadora .....	42
 <b>CAPÍTULO II - METODOLOGIA DE PESQUISA .....</b>	<b>46</b>
2.1 Contexto do Estudo de Pesquisa .....	47
2.2 Participantes do Estudo de Pesquisa .....	48
2.3 Instrumentos utilizados no Estudo de Pesquisa .....	48
2.4 Procedimentos de Coleta de Dados .....	50
2.5 Procedimentos de Análise de Dados .....	50

<b>CAPÍTULO III – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS ENCONTRADOS .....</b>	<b>52</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>63</b>
<b>Referencias.....</b>	<b>65</b>
<b>Apêndices.....</b>	<b>68</b>
Apêndice A – Questionário .....	68
Apêndice B – Roteiro de Observação .....	70
 <b>3ª PARTE: PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS NO CAMPO DA PEDAGOGIA .....</b>	 <b>71</b>

## APRESENTAÇÃO

Durante alguns anos, a alfabetização tem sido alvo de várias controvérsias teóricas e metodológicas, fazendo com que a escola e todos os profissionais que lidam com o desafio de alfabetizar busquem um posicionamento em relação às mesmas, o que favoreceu mudanças nas práticas pedagógicas adotadas no país afora, pois o ensino deixa de ser apenas transmissão de saberes acumulados, codificação e decodificação dos signos linguísticos para valorização das práticas sociais de leitura e escrita, assim, o processo de alfabetizar acontece pela valorização dos saberes acumulados e das vivências contextuais.

Tomando como base o exposto acima, propus-me realizar uma pesquisa em uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Serra do Ramalho no Estado da Bahia com o objetivo de analisar se as práticas de alfabetização e letramento desenvolvidas pelas professoras contribuíam para o desenvolvimento do processo de aprendizagem dos alunos.

Para melhor compreensão do leitor, este Trabalho de Conclusão de Curso foi estruturado em três partes: na primeira parte, Memorial Educativo, relato as memórias da vida escolar e a trajetória acadêmica. Na segunda, apresento o estudo de pesquisa realizado com um grupo de professoras alfabetizadoras e, por fim, na terceira, explico as minhas perspectivas profissionais.

No Memorial Educativo dialogo acerca da minha história pessoal e escolar, desde a infância até o término do ensino superior. Na segunda parte apresento o estudo de pesquisa, cujo título escolhido foi **Práticas de professores alfabetizadores de uma escola municipal de Serra do Ramalho - BA**. Os objetivos desta pesquisa surgiram a partir de minhas inquietações acerca das concepções de alfabetização e letramento, da fundamentação teórica das práticas pedagógicas desta temática bem como das facilidades e desafios encontrados pelas professoras das classes de alfabetização do ensino fundamental em minha cidade.

No primeiro capítulo encontra-se a fundamentação teórica na qual apresenta a discussão dos conceitos de alfabetização e letramento, bem como das práticas

pedagógicas desenvolvidas que podem contribuir para um processo de ensino-aprendizagem com maior qualidade.

No segundo capítulo, “Metodologia da Pesquisa”, apresenta-se o caminho metodológico, o contexto escolar, os participantes, os instrumentos utilizados para alcançar os objetivos deste estudo, bem como os procedimentos de coleta e análise de dados.

No terceiro capítulo intitulado “Análise de dados e discussão dos resultados” foi apresentados os resultados da pesquisa, fundamentados na prática pedagógica das professoras alfabetizadoras, confrontados com as ideias dos autores que trabalhamos no referencial teórico. E por último, traçamos as considerações finais com uma leitura geral sobre todo o trabalho e as sugestões para a escola investigada melhorar a qualidade da educação oferecida aos alunos e em seguida, apresenta-se a terceira parte, na qual explico minhas perspectivas profissionais após a conclusão deste curso.

## **PARTE I – MEMORIAL EDUCATIVO**

### **Introdução**

Este é meu memorial educativo. Ele contempla minha trajetória escolar, as experiências que contribuíram para o meu crescimento como pessoa e profissional, pois o mesmo é resultado de uma reflexão sobre minha trajetória de vida.

Assim, aquele que o lê encontrará relato de todas as lembranças, fases importantes que contribuíram para meu ingresso na universidade: as pessoas, os professores e a minha dedicação aos estudos, um dos aspectos mais importantes para vencer os obstáculos, uma vez que vivemos em um mundo cheio de desigualdades, não devemos desistir nunca diante das dificuldades.

Esse memorial está organizado minuciosamente contemplando cada etapa vivida, da seguinte maneira: primeira parte – Breve biografia; segunda parte – Meu trajeto acadêmico traz as vivências advindas da educação básica; terceira parte – Formação acadêmica mostra meu ingresso à universidade e os principais ganhos com a mesma; quarta parte – Vida profissional: eu professor, mostro minhas experiências no meio profissional até chegar a profissão docente.

Para elaborar o memorial educativo foi preciso lembrar a trajetória de nossa vida reler os momentos fundamentais de nossa prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas da infância, da adolescência, de nossa mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se vai construindo (FREIRE, 1988).

## **1. Breve Biografia**

Eu sou Luiz Gracia Santos, nasci no dia 11 de junho de 1974. Sou quarto filho dentre os doze filhos que tiveram o casal Adonias Gracia Santos (em memória) e Domitila Francisca dos Santos, casal esse que Deus uniu por trinta e seis anos. Depois da viuvez minha mãe ficou sozinha, e não quis mais se relacionar com outros homens. Segundo ela, meu pai foi e sempre será seu grande amor.

Nasci em Bom Jesus da Lapa, onde residi até meus 10 anos o que sei desse período é que era um tempo de muita fartura de alimentos por ocorrer muitos períodos chuvosos tudo que plantava produzia bastante, julgo ser um tempo muito feliz.

No ano de 1984, mudamos para Serra do Ramalho, cidade que resíduo até hoje. As lembranças que guardo são as melhores, pois vivi a minha infância com toda plenitude, brinquei de pega – pega, de bandeirinha, de cavalinho, corre-corre, de bola, mas a que mais gostava mesmo era de brincar de cair no poço, uma brincadeira onde os meninos roubavam beijo das meninas.

Meu pai era agricultor e minha mãe dona do lar. Trabalhavam duro para não deixar faltar nada para seus filhos, muito menos amor, carinho. Eles diziam sempre, que respeitar os mais velhos era a coisa mais importante na vida. Tive muitos colegas para brincar e me lembro até hoje de todos, lembro-me de todas as brincadeiras e travessuras que fazíamos como se fosse hoje esse sim foi um tempo inesquecível de muita alegria, travessura entre outros.

## **2. Meu trajeto acadêmico**

### **2.1. Formação Básica: percurso histórico**

“Hoje me sinto mais forte,  
Mais feliz, quem sabe  
Só levo a certeza  
De que muito pouco sei,  
Ou nada sei  
[...]

Cada um de nós compõe a sua história  
Cada ser em si  
Carrega o dom de ser capaz  
E ser feliz”

(Almir Sater)

O meu contato com as primeiras letras acontece anterior à escola, pois minha mãe sempre preocupada com a nossa educação, arrumou então uma moça por nome de Marli, carinhosamente conhecida como Li, para me ensinar o alfabeto e o meu nome, porque minha mãe entendia que antes mesmo de ingressar em uma escola, a criança deveria saber escrever pelo menos o nome, dizia também que se eu não soubesse iria passar vergonha e a professora não iria gostar de mim. Hoje sei que não funcionava dessa maneira, mas foi a forma que minha mãe encontrou para me incentivar nos estudos, de certa forma reconheço que mesmo não sendo a maneira correta, creio que me ajudou muito.

Aos sete anos de idade, fui estudar numa escola particular, com a professora Maria Auxiliadora, estudei o ABC e a cartilha que hoje já foram extintos ou então mudou de nome. Era uma escola de Alfabetização, por sinal, muito boa, foi um tempo muito feliz, mas infelizmente não pude permanecer, pois meu pai não deu conta de pagar as mensalidades, no ano seguinte ingressei na escola pública. Nessa escola, encontrei uma professora encantadora que tenho contato até hoje, lembro-me dela com muito carinho, mesmo por algumas vezes ela usava o método da palmatória. Ela cuidava bem de mim e da minha caligrafia, seu método era tradicional, porém eficiente. Uma recordação boa que tenho desse período foi uma amizade verdadeira que fiz com um colega da escola. Meu primeiro amigo, o nome dele é Edson, que logo desistiu de estudar e eu continuei, somos bons amigos até hoje.

A grande reflexão que teço, é que mesmo sem compreender a necessidade da contextualização da palavra no texto e no contexto, muito menos ainda a necessidade de se partir do todo para as partes, aprendi a ler de forma mecânica todas as palavras que me foram apresentadas, mesmo não conhecendo seus significados. Acredito que não tive nenhuma dificuldade na alfabetização.



Em 1987, meus pais passaram a morar na Agrovila 01, então fui estudar a primeira série na Escola Eng.º Agr.º Deusdedit Cortez Vieira da Silva, situada na comunidade de Agrovila 01, Serra do Ramalho-BA. Relatar essas memórias possibilitam sentir a emoção daquele grande dia: contato com os colegas, a professora, as cantigas, as brincadeiras, enfim, tudo era fascinante.

Dessa escola tenho boas lembranças foi lá que me apaixonei pela primeira vez, era uma menina muito bonita tinha uns lábios carnudos e outros adjetivos que não quero citar, mas infelizmente seu pai precisou viajar em busca de emprego e a levou, fiquei muito triste, mas superei coisa de criança, meu pai ficou sabendo do meu grande amor e começou fazer brincadeiras ficava triste envergonhado, mas no fundo gostava.

Da primeira série não tenho muitas lembranças, lembro-me apenas do nome da professora que era Dona Marlene e como ela conduzia o seu trabalho por ser protestante queriam que todos a seguisse e transformava a sala de aula em cultos evangélicos.

A segunda série já foi mais marcante, tive uma professora muito carinhosa, tinha um jeito todo especial de ensinar, que encantava a todos, o nome dela era Maria do Carmo (in memória). Tive nesse período as estagiárias, porém não me lembro o nome delas, sei que nas despedidas, os alunos choravam muito.

A terceira série já foi mais difícil, pois até então nunca tinha tirado uma nota menor que oito e tirei seis, para mim era como se fosse uma nota vermelha, foi terrível levei uma surra, só que não foi pela nota e sim pela mentira, eu tinha dito à professora que tirei aquela nota porque meu pai tinha me mandado ir para a roça dar água aos animais, mas esqueci que minha mãe era muito amiga da professora e logo ela ficou sabendo da mentira que tinha inventado, conclusão recebi uma grande surra.

Na quarta série, tive um professor. Passei por muitas mudanças. O professor era muito rígido ao contrário dos que tive até então, seu nome era José Evangelista, nunca mais ouvir falar dele. Sei que no final do ano fui aprovado como nos anos anteriores, aí veio o medo, pois iria estudar com muitos professores na quinta série.

Assim se fecha mais um ciclo de minha vida, com certeza um dos melhores que já vivi meus sonhos de criança e minhas amizades. A trajetória escolar foi

baseada no método tradicional, porém apesar de não ter feito parte da cultura do construtivismo. O que a parte mecânica da aprendizagem ensinou, acredito ter aprendido.

Assim, comecei o ginásio na mesma escola em que havia estudado o primário, nela estudei até a 8ª série. Tudo foi maravilhoso, fiz novas amizades, conheci muita gente boa. Os professores eram mistos, lembro-me de quase todos: Claudete, José Evangelista, Marli, Norma, João Filho, Rosália, Maria Graciete, entre outros, alguns me marcaram pela doçura outros pela rigidez. A professora Claudete pela facilidade de ensinar Matemática, Rosália e Maria Graciete pela doçura e o jeito infantil de ser, era amiga dos alunos, mas quando necessário dava-nos umas broncas.

Da 5ª a 8ª série, tudo ocorreu mais ou menos da mesma forma. Os professores eram tradicionais com suas aulas copiadas, decoradas e reprodutivas nas provas. Porém tudo era recompensado nos jogos e nas gincanas. Nos jogos, o bom mesmo era ganhar dos visitantes vindos de algumas cidades circunvizinhas e da gincana que era disputada na própria escola entre as turmas. Sempre fui muito tímido, embora não impedisse que eu participasse de tudo, assumia às vezes um papel de líder, então, nas gincanas eu me encontrava, participava dos jogos, passa – ou - repassa jogo da velha, teatro e apresentações no geral. Esse era o momento que tínhamos para criar, pesquisar, produzir coisas novas e mostrar nossos talentos, acabava sendo um mundo diferente no interior da escola.

Na 5ª série, foi tudo muito normal, na 6ª série, foi marcado por participar pela primeira vez de uma gincana, já a 7ª série foi maravilhosa e um dos motivos foi ter alguns colegas de volta na classe, cabe ressaltar que eles estiveram presentes em todos os momentos de minha vida.

Na 8ª série foi mais especial ainda, a nossa turma era muito unida, fazíamos muitos planos para o segundo grau como era conhecido o ensino médio. Para coroar tudo vencemos a gincana daquele ano e tudo no final foi festa. Apesar de todos sermos amigos, algumas colegas merece destaque: Ivani, Domingos, Aparecido, Josenilda, José Humberto, Janete, Edmilson, tempo e amigos inesquecíveis.

No final, ficou a contribuição de alguns professores para nosso conhecimento, Claudete, Maria Graciete, José Evangelista, Leonilda (em memória), Rosália, João Filho, mas o que sobressaiu foi à deficiência do ensino que infelizmente é o que mais se vê nas escolas públicas em todos os níveis.

No que se refere ao segundo grau (Ensino médio), um dos melhores momentos da minha vida, construímos muitas amizades tempo de muito namoro e muita festa. Assim, como no ensino fundamental, o médio teve seus altos e baixos, apresentávamos professores qualificados como é o caso de Dona Vera e Carlão que não eram pedagogas, mas apresentou um pouquinho de Vigotsky, Piaget, Paulo Freire, etc. Claro que apenas noções dessas teorias e a causa que cada um defendia.

Uma grande contribuição desse período adveio com a professora Edna, uma psicóloga que contribuiu para a minha formação, porém essas eram as exceções, pois os nossos professores em sua maioria eram formados apenas em magistério e sem um aparente comprometimento com a nossa formação técnica e principalmente política. Fiz novas amizades, das novas lembro-me de Simone, José Nilton, Maria Cacilda, Cida, Cleonice e Ana, eles eram muito gaiatos e gostavam de ficar cantando e batendo no portão com toda a turma. Estudávamos pela manhã e muitas das vezes chegávamos atrasados, em uma dessas vezes, o diretor não nos deixou entrar, então alguns estudantes colocaram uns papelões na frente da escola para que o diretor nos deixasse entrar, chamamos a atenção de todos, mas não conseguimos. Gostávamos também era de jogar bola de gude e futebol, fazíamos todos os anos a festa junina em nossa sala, era muito engraçada, as meninas se vestiam de homens e os meninos, de mulher. Vivi essa época com tudo que tinha direito, foram anos de alegria e muita cumplicidade.

No primeiro ano de magistério, fizemos eu e alguns colegas, o estágio de observação. Estagiamos na escola Eng.º Agr.º Deusdedit Cortez Vieira da Silva em uma turma de 2ª série. Nessa época, apesar de não conhecer nada da prática em sala de aula, queria ter logo um contato direto, pois me inquietava o fato de ficar só observando, queria era por a “mão na massa”. Tive que esperar para o ano seguinte.

Nos dois últimos anos já gostava da ideia de ser professor e queria logo começar essas atividades. Estagiei esses dois anos com meus colegas, ambos na mesma escola que estudamos todo ensino fundamental.

Ao concluir o ensino médio, dias depois da colação de grau, fomos para um passeio em Ilhéus no Sul da Bahia, ficamos lá cinco dias, tudo foi só festa, nunca tinha viajado sozinho e com meus colegas e amigas, esse sim foi um ano maravilhoso.

Passamos pelo magistério com a expectativa de que este fosse o único curso profissionalizante que faríamos, achávamos que faculdade era para os filhos de ricos e com a formação que tínhamos seria difícil conseguir um dia passar no vestibular, mas não impossível.

Assim sendo, o principal aprendizado que obtive da educação básica estava circunscrita no desejo de romper com as barreiras que impossibilitam a construção e consolidação do conhecimento, uma vez que o contexto em que se deu a minha formação era de exclusão social, política, econômica e cultural. Um currículo fragmentado sem discussão e estudo. Assim, quando me refiro ao termo romper, lembro-me dos muitos professores bons que, diante das dificuldades, criavam estratégias para que eu pudesse aprender e, mesmo com as limitações, imprimiu em mim o desejo incessante de buscar a transformação social e cultural pelo viés da educação. As dificuldades, barreiras e conquistas fizeram com que eu buscasse no conhecimento a chave para a minha transformação e realização pessoal.

### **3. Formação Acadêmica**

#### **3.1. Por que o curso de Pedagogia?**

“O processo de formação é tanto mais feliz quanto mais as suas diversas fases assumirem o caráter de acontecimentos vividos.”  
Hugo Hofmannsthal.

Demorei muito para ingressar no ensino superior, pois queria estudar Geografia e nas cidades próximas não ofertava, pois trabalhava com a disciplina,

mas não tendo alternativa fiz vestibular para Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia - UNEB, mas nesse ano, infelizmente não realizei uma boa prova. Assim, no ano seguinte fiz cursinho pré-vestibular por seis meses, e ao participar do exame novamente pela UNEB, consegui passar no curso que queria fazer só que por não formar turma, fui indicado para estudar na UNEB de Caetité, cidade distante de onde residio, assim, não conseguir conciliar minha formação com meu trabalho tendo que trancar a matrícula.

No ano seguinte, fui convidado pelo amigo “Odair” a prestar vestibular na cidade de Carinhanha, ele optou pelo curso de Letras e eu, Pedagogia. Estudamos muito, pois queria garantir minha vaga e por sorte conseguimos passar na Universidade de Brasília UnB/UAB. Foi uma alegria imensa até que fim. Agora, vou realizar meu sonho e conseguir mudar minha prática pedagógica de sala de aula mesmo não sendo o curso que queria fazer.

Nesse momento, acredito que estou no curso certo, conheço a capital Federal, graças a esse curso fui à UnB, ver como funciona uma Universidade algo que estava muito distante da minha realidade e naquele momento percebi que estava muito próximo, ampliei meu grupo de amigos com pessoas muito queridas e maravilhosas: Gercilia, Tais, Maria Nazaré, Manoel, Lidia, Aparecido, Cleiton, Cláudia, Edilson, Luciene, Ana Maria e tantos outros, as coordenadoras, Jumária, as secretárias, as tutoras Crésia e Érica, o guarda do pólo, entre tantos outros. Assim, quero terminar minha formação e ser diplomado pedagogo.

Sendo assim, quando me ponho a refletir sobre minha trajetória acadêmica, enquanto aluno da educação superior, analiso que não tive um processo escolar privilegiado, que não tive subsídios sólidos para entrar na universidade cedo. Por outro lado, a realidade social que vivi também não me conferia a menor chance de ingressar numa universidade pública.

Quando tenho que fazer uma autoavaliação sobre minha atuação no ensino superior, digo que as poucas condições fizeram com que eu dividisse o espaço de trabalho com a universidade, o que me privava de muitas leituras e de recursos para o desenvolvimento de trabalhos mais apurados. Nesse contexto, vale lembrar que eu faço parte da maioria dos brasileiros que chega à universidade com uma idade avançada e tem que trabalhar para poder estudar, comprometendo assim o processo de aprendizagem.

Nessa vertente, todo o meu trajeto acadêmico está sendo construído com muita luta, resistência e acima de tudo vontade de aprender e crescer na profissão. Posso dizer que a universidade é o espaço no qual pretendo seguir carreira, nesse sentido, todos os projetos até agora construídos por mim: leitura, seminários, produção de artigo, resenhas, análise e síntese contribuíram para meu engajamento como Pedagogo e profissional, a Universidade de Brasília foi o meu maior presente na minha vida acadêmica.

#### **4. Vida profissional: eu professor**

Há quem diga que todas as noites são de sonhos.

Mas há também quem garanta que nem todas, só as de verão.

Mas no fundo isso não tem muita importância.

O que interessa mesmo não são as noites em si, são os sonhos.

Sonhos que o homem sonha sempre.

“Em todos os lugares, em todas as épocas do ano, dormindo ou acordado.”

(Shakespeare)

Profissionalmente já fiz de tudo um pouco, trabalhei na roça, plantando e colhendo alimentos, outras vezes pescava e no final de semana ia à feira vender os peixes, já tirei muito leite de vaca e entregava no laticínio, já fui organizador de festas, já trabalhei em bar, sorveteria, hoje sou professor concursado, atuo em duas cidades: Serra do Ramalho e Sítio do Mato. Passar, ser empossado e trabalhar concursado foi uma grande alegria, pois antes havia passado por muitas dificuldades e agora via nesse emprego, a possibilidade de poder ajudar minha família.

Em princípio foi muito difícil, visto que fui trabalhar em uma comunidade rural. As dificuldades iam além do pedagógico, pois as crianças chegavam à escola às sete horas e trinta minutos e ficávamos até às onze horas e trinta minutos e não tinham nada para comer, às vezes faltava até mesmo água. Essa realidade me deixava muito triste, então comecei a denunciar aos meios de comunicação. Assim,

fui perseguido e transferido para outro povoado, mas a realidade não era diferente, continuo fazendo minhas queixas e aos poucos vão mudando o contexto.

Assim, a sala de aula é um espaço para discussão e socialização do conhecimento e, para adentrá-lo requer do professor habilidades e competências, que só são adquiridas por meio da leitura e do contato com práticas de ensino contextualizadas, as quais exigem do professor a renovação constante de sua proposta de trabalho.

Nesse sentido, quando passei a exercer a profissão docente, já vinha impregnado em mim o desejo de aprender, de conhecer o diferente para saber lidar com os desafios que me aguardavam tal contexto. Tudo isto fez com que eu vivenciasse espaços consagrados de formação, grande exemplo é a Universidade de Brasília – UnB, Pedagogia.

Assim, aprendi que o professor precisa compreender o conhecimento, sistematizá-lo e, assim, trazê-lo para prática da sala de aula, através de propostas pedagógicas envolventes e desafiadoras, uma vez que para o ensino-aprendizagem realmente aconteça, não basta apenas o professor deter o conhecimento e/ou experiência, é preciso que ele esteja fundamentado teoricamente, que lhe dê subsídios para trabalhar com as diferentes realidades educacionais. Nesse contexto, é imprescindível que o professor passe por processos de formação: a inicial e a continuada.

Dizer das minhas expectativas, após longos anos de formação, é refletir a maneira pela qual a educação acontece, em outras palavras, qual o contexto, em que me insiro e está inserido o público para o qual irei trabalhar, sem dúvida, a dinâmica é outra, que perpassa pelo domínio de diferentes teorias, práticas e, acima de tudo, sensibilidade para lidar com as diferenças, em síntese, dialogar com os basilares da educação, quais sejam: aprender a conhecer aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.

Neste contexto, minhas expectativas suscitam uma pergunta: o que é ser professor hoje? Moacir Godatti (2000, p.9) deixa uma reflexão:

Ser professor hoje é vivenciar intensamente o seu tempo, conviver; é ter consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores, assim como não se pode pensar num futuro sem poetas e filósofos. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam, pessoas.

Partindo desse pressuposto, estimo cumprir com minha tarefa de compartilhar conhecimentos, mostrando a importância do saber e de se relacionar com o outro. Tenho ciência de que é no contexto da sala de aula que minha prática será consolidada.

Não tenho medo de enfrentar os desafios vindouros, mas receio não corresponder às reais exigências que o contexto atual nos coloca, em que na maioria das vezes, a formação inicial não dá conta de contemplar as especificidades da dinâmica escolar.

Nesse sentido, vejo a urgência em romper com a visão fragmentada de educação, que confere maior importância aos conhecimentos já estabelecidos, em detrimento de uma nova abordagem que focaliza o sujeito como produtor de conhecimentos, portanto, digno de ser respeitado em sua diversidade.

Assim, anseio ser um professor reflexivo que partilha dos conhecimentos enfatizados por Pimenta (1998), quando ampara a profissão docente em três saberes que se complementam no processo: o saber da experiência, o saber científico e o saber pedagógico.

Nessa vertente, vejo a necessidade de trabalhar com uma proposta que assegure aos alunos o desenvolvimento da leitura, para o estudante ser um bom produtor textual, valorizando principalmente o trabalho a partir da diversidade dos gêneros textuais e das competências comunicativas dos educandos, de forma que eles possam usar no cotidiano aquilo que se discute no interior da sala de aula.

Um professor, Pedagogo precisa ser permissível à diferença, valorizar a diversidade como riqueza do conhecimento e ter competência em educação, nesse sentido, o sociólogo Perrenoud (2012) enfatiza que competência em educação é a



faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos – como saberes, habilidades e informações – para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações.

Outro aspecto importante, diz respeito ao trabalho com a leitura, que precisa ganhar vez e eco na escola. Neste sentido é grande a contribuição de Solé (2008), quando mostra que a leitura deve prescrever as seguintes técnicas: o trabalho de pré-leitura, que consiste em ativar o conhecimento prévio dos alunos; o trabalho durante a leitura, avaliando as previsões e relacionar informações ao conhecimento prévio dos alunos, o trabalho de pós leitura, saber identificar o tema e a ideia principal, dentre outros.

Partindo dessa visão, afirmo que tenho o desejo de mostrar um trabalho diferenciado que tenha como ponto de partida o ensino em suas dimensões sociais, culturais e históricas, que desperte nos estudantes o prazer de estudar e entenda a educação como a própria vida.

## **5. Um pouco da história da Pedagogia**

Hoje faço parte de um curso que começou a ser implantado no Brasil a partir da década de 1939, visando formar professores para lidar na educação em suas várias áreas do ensino. Assim, a formação em Pedagogia se constitui um espaço, no qual se aprende intencional e criticamente a educação e suas manifestações na sociedade, a partir de uma sólida formação no campo teórico, epistemológico da educação e do ensino.

Assim, em nosso país, de acordo com sua história, essa formação sempre esteve permeada de questões relativas às funções, ou seja, para que ela serve? E ao mesmo se analisar as funções atribuídas ao pedagogo nas quase oito décadas de existência desse curso, pode-se perceber uma incessante busca de definição de quem é esse profissional.

Em alguns momentos, o pedagogo tem sido definido como técnico ou especialista da educação, em outros momentos também como professor, e ainda em

outros como estudioso da educação. Atualmente, tem-se o contexto de uma nova configuração curricular do curso e a consequente alteração do perfil do pedagogo. Desde a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), N°. 9394/1996, a área da formação de professores no nível superior de ensino tornou-se um dos temas mais polêmicos a serem regulamentados pela legislação complementar, tornando-se objeto de discussão de pesquisadores, órgãos educacionais, legisladores e profissionais da educação.

Desse modo, o que se decidiria essencialmente a profissão do pedagogo: Lecionar na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, organizar e gerenciar uma escola em seus diversos níveis de funcionamento, refletir sobre as questões da educação como área de conhecimento permeado de especificidade entre tantas outras.

## **6. Relato da experiência acadêmica nas disciplinas de formação**

"Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino".

(Paulo Freire)

O encontro com o curso de Pedagogia aconteceu pelo viés do desafio, lugar comum de todo início de formação, com maior destaque, pelo fato de estar experienciando, uma modalidade nova de educação – educação a distância.

Assim, trago na lembrança, o desafio da dificuldade de acesso à plataforma, ora pela falta de acesso à internet, ora pelas inúmeras dificuldades que um iniciante encontra diante das tecnologias. Nesse sentido, foi marcante a afinidade humana e compreensiva que cultivávamos – acadêmicos, colegas, tutores e professores.

Nessa conjuntura, no primeiro período cursei as seguintes disciplinas: **Antropologia e Educação**, que é antes de tudo é uma tradução de discursos científicos sobre “o outro” e aí se encontra sua especificidade em relação às demais Ciências Sociais, especializadas na produção de discursos sobre “nós mesmos” ou sobre a própria sociedade.

Com a disciplina **Perspectiva do Desenvolvimento Humano**, aprendemos os aspectos gerais da Psicologia, identificando as contribuições dessa área para a compreensão do desenvolvimento humano. Assim, buscamos reconhecer as etapas do ciclo de vida, caracterizar os principais aspectos relacionados com a constituição de um sujeito e refletir sobre o papel da sociedade, da família e da escola na promoção do desenvolvimento humano.

Com a disciplina: **Teorias e Educação**, discutimos muito a questão da interdisciplinaridade que surgiu da concepção de inversão ou aplicação. Métodos ou conhecimentos de uma disciplina à outra. Aprendemos que a disciplina é uma categoria organizada e inserida no conhecimento científico, mas que não consegue envolver todas as questões concernentes a ela, pois as noções que circulam e muitas vezes ultrapassam as fronteiras sem serem notadas. Vale destacar que a transdisciplinaridade não pretende o lugar de uma nova Ciência e sim, uma nova forma de encarar a Ciência, inserida em sua própria multiplicidade e diversidade, respeitando a singularidade do ser e suas concepções.

Já na disciplina: **Investigação Filosófica**: que abordou questões relacionadas à raiz das nossas ideias: do sublime ao belo, representando antes de tudo, um eficaz aprendizado de psicologia filosófica. Assim, os conceitos de belo e sublime apresentam-se como julgamentos que são elevados enquanto balizas da atividade psico-sensorial do homem, logotipos multifacetadas que respondem com facilidade ao principal objetivo do sujeito. Desse modo, Kant afastou: razão pura, razão prática e razão estética.

**Projeto I**: foi relevante, uma vez que esmiuçou passo a passo como se inicia um projeto de pesquisa, pesquisa de campo, como ser um observador e detectar as melhores informações no contexto escolar e fora dele.

Assim, concluímos o primeiro semestre o que ficou foi à prática da leitura que nos enriquecia a cada dia e, permitiram adentrar em diferentes áreas e desmistificar costumes, crenças, hábitos, enfim, favoreceu a vivência do outro fazendo com que nos reconheçamos a cada dia.

No segundo período, estudamos as disciplinas: **Fundamentos da Educação Ambiental** que contribuíram muito com nossa transformação de costume, valores e

atitudes com o meio ambiente, visando uma formação para a cidadania crítica e participativa, respeitando o meio ambiente, pois nossa sociedade precisa mais dele do que ele precisa da sociedade.

Já com a disciplina: **Educação com Necessidades Educacionais Especiais** aprendemos a grande importância da inclusão, mesmo sendo um desafio a mais para o pedagogo, pois ele precisa buscar subsidio para conduzir bem seu papel de transformador de realidades dentro e fora da sala de aula.

Em **História da Educação**: com essa disciplina, traçou o caminho percorrido pelos portugueses, falamos muito da história do Brasil ou dos Brasis, diferente daquela citada nos livros didáticos.

Com a disciplina: **Organização da Educação Brasileira**, discutimos passo a passo, como se deu a educação no Brasil, que antes era façanha para poucos. Vale lembrar que o projeto do senador Darcy Ribeiro se transformou na LDB 9394/96. E o **Projeto 02** reforçou os aprendizados adquiridos no Projeto 01, adentramos no campo da pesquisa com mais saber e autonomia.

No Terceiro período, estudamos as disciplinas: **Aprendizagem e Desenvolvimento do PNEE**, aprendemos que aprendizado não é desenvolvimento; entretanto, “o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento, que de outra forma, seriam impossível de acontecer”.

Em **Ensino e Aprendizagem da Língua Materna**, discutimos a relevância do conceito de letramento para o ensino e a aprendizagem de língua materna em todos os ciclos do ensino fundamental e médio.

Em **Sociologia da Educação**: com essa disciplina estudamos a principal função do professor, pois ele é o sujeito que forma pessoas capazes de contribuir para a harmonia social. Assim, segundo Durkheim a sociedade seria mais beneficiada pelo processo educativo. Para ele, “a educação é uma socialização da jovem geração pela adulta”. E quanto mais eficiente for o processo, melhor será o desenvolvimento da comunidade em que a escola esteja inserida.

Em **Socionomia e Educação**, falamos muito sobre as relações que são permeadas pelos papéis que desempenhamos no dia a dia, no caso de aluno, pai, mãe, irmão, trabalhador, consumidor dentre outros. Assim, constitui a nossa forma de interagir com o mundo físico e social.

Em **Psicologia da Educação**: com essa disciplina buscamos discutir o comportamento das pessoas. Assim, “os principais problemas enfrentados hoje pelo mundo só poderão ser resolvidos se melhorarmos nossa compreensão do comportamento humano” (SKINNER, 1974, p.8).

No quarto período, cursamos a disciplina **Pesquisa em Educação**, na qual estudamos o desenvolvimento de atitude científica inerente ao fazer educativo e à instrumentalização teórica.

**Introdução a Classe Hospitalar**: essa disciplina mostrou a realidade dos grandes centros urbanos, longe da nossa realidade, mas abre oportunidades de se pensar como lidar com nossas crianças hospitalizadas.

Na disciplina **Educação de Adultos**: O Brasil por muito tempo não dispunha de oportunidades para aqueles que não tiveram acesso a educação no tempo tido como adequado. Sendo assim, a educação de jovens e adultos veio possibilitar essa discussão com muita reflexão.

Em **Filosofia da Educação**: ninguém escapa da filosofia uma vez que cada sujeito tem um pouco de filósofo, ao se considerar as condições reais da vida que se tem em nosso país. Assim, se as pessoas vivessem condignamente, grandes parte dos problemas educacionais estariam resolvidos.

Na disciplina **Didática Fundamental** para a Pedagogia, pois o sujeito professor precisa ser didático etc.

Durante o quinto período, estudamos a disciplina **Educação e Trabalho** que discutia os problemas colocados à população brasileira, principalmente, o ingresso dos jovens ao mercado do trabalho, bem como a ascensão social por meio dele. Assim tratou também de buscar relacionar as variáveis como educação e trabalho, em busca de novas políticas de inclusão social.

No **Projeto 03 fase 1**: foi maravilhoso, pois já dominava um pouco a construção de um projeto de pesquisa, já possuía um olhar diferenciado ao observar o ambiente escolar e extra escolar. Por meio desta disciplina, pude vivenciar o ambiente escolar, sua estrutura e gestão. Favoreceu um olhar mais atento para a educação, como funciona a escola e sua equipe pedagógica.

A disciplina **Educação Matemática 1** foi muito importante para nossa formação de pedagogo, pois nos mostrou como ensinar o processo de resolução de problema, processo um tanto complexo, mas com metodologia e atividades lúdicas, vimos que as crianças aprendem, se o professor for criativo e ensinar brincando.

Na disciplina **Fundamentos da Arte na Educação**, a arte é tudo na vida do professor, pois cada profissional precisa desenvolver muitas habilidades principalmente a arte. Vimos os parâmetros que fundamentam a arte e sua relação com o fazer educação e as diferentes manifestações: dança, pintura, música e outros.

**História da Educação Brasileira**: esse estudo frisou os avanços da educação no Brasil, e o percurso que ela atravessou até chegar à educação que temos hoje. Toda formação é o prenúncio de muita leitura, análise, síntese e reflexão.

Durante o sexto período tivemos a oportunidade de aprimorar alguns estudos já desenvolvidos e melhorar nossa relação com a arte de ensinar. Assim na disciplina **Educação Matemática 02** aprofundamos o estudo sobre as bases que legitimam o ensino da matemática no ensino fundamental e a importância de desenvolver um ensino contextualizado com a realidade dos alunos sem perder de vista o valor da matemática para a vida prática.

A disciplina **Ensino de Ciências e Tecnologia** mostrou a validade do ensino de ciências, seus parâmetros para os anos iniciais e como o professor deve conduzir o trabalho com a disciplina ciências. Discutimos também a evolução das tecnologias e sua relação com a educação. A disciplina favoreceu ganhos para lidar com os estudantes na referida área.

Já a disciplina **Administração das Organizações Educativas** as leituras favoreceram uma compreensão de como se estrutura a parte burocrática da escola,

bem como também pedagógica, pudemos analisar o papel da gestão frente às questões administrativas, foi um grande aprendizado.

Na disciplina **Educação Infantil** vimos os parâmetros que norteia a educação infantil. As diferentes leituras mostraram a importância do trabalho a partir da socialização, do lúdico, em síntese a aprendizagem acontece num ambiente contextualizado por meio das vivências.

O Projeto 03 Fase 02 demos continuidade ao projeto de gestão, aplicando com os professores da escola escolhida. As discussões foram produtivas, principalmente a vivência junto à equipe escolar.

Já o sétimo período vimos a disciplina **Processo de Alfabetização** que discutia as novas abordagens para o ensino na alfabetização. Discutimos a relação entre alfabetização e letramento, firmamos a importância de alfabetizar letrando, valorização as práticas sociais para o processo de ensino e aprendizagem.

Na disciplina **Ensino de História, Identidade e Cidadania**, lemos sobre as diferentes correntes historiográficas e como trabalhar a disciplina história na conjuntura atual, valorizando principalmente as histórias de vida que colocam os diferentes sujeitos como fazedor da história.

A disciplina **Políticas Públicas de Educação** estudamos as atuais políticas educacionais como Plano Nacional de Educação e as leis que asseguram o funcionamento da educação, a exemplo da LDB 9394/96. Assim, a disciplina possibilitou um amplo conhecimento sobre o processo educacional.

O **Projeto 04 Fase 1**, aprimoramos as leituras sobre gestão educacional e a relação com a escola, favorecendo uma ampla compreensão do papel do gestor e das organizações que permeiam a escola.

Por fim, a disciplina **Educação a Distância** favoreceu a compreensão tanto conceitual quanto metodológica de como funciona a educação a distância e sua importância para o cenário educacional na atualidade.

Durante oitavo período vimos a disciplina **Avaliação nas Organizações Educativas** discutindo principalmente como se estrutura uma avaliação, sua importância para a educação e a maneira de se conduzir. Vimos que a avaliação

precisa ser diagnóstica e formativa, uma vez que ela precisa estar a serviço da aprendizagem.

Na disciplina **Educação em Geografia** vimos sobre as diferentes ramificações da geografia e a maneira de ensiná-la no ensino fundamental partindo da noção espacial e da valorização do espaço geográfico como agente de mudança.

A disciplina **Fundamentos da Linguagem Musical na Educação** lemos sobre o ensino de música, a forma de se trabalhar com criança, destacando principalmente as músicas populares como cantigas de roda para a valorização do aluno e sua cultura.

O **Projeto 04 Fase 02** aprimoramos os trabalhos realizados na projeto 04 Fase 01 fazendo principalmente a socialização das leituras e dos trabalhos desenvolvidos.

A disciplina **Psicologia Social na Educação** mostrou uma leitura psicológica voltada para a questão social, a forma como a criança aprende a relação que o meio exerce nesse processo.

Finalmente, chegamos ao nono período tivemos a oportunidade de estudar a disciplina **Gênero e Educação, Educação das Relações Étnicas – Raciais** discutimos a relação de gênero e as novas discussões que legitimam igualdade de direito aos seres humanos. Assim, vimos como trabalhar desmistificando preconceito e ideias racistas, principalmente na área da educação.

Já a disciplina **Escolarização de Surdo e Libras** discutimos parâmetros de Libras e a importância dessa língua para pessoas deficientes auditivos, bem como experimentos na prática como se dá o trabalho com libras.

A disciplina **Orientação Vocacional Profissional** vimos como conduzir os alunos a se orientar na decisão de seu futuro profissional. As leituras foram bastante produtivas, pois foi a primeira vez que cursava uma disciplina que mostra a importância de se orientar para uma vocação profissional.

O **Projeto 05 Fase 01** possibilitou momentos de construir e desconstruir conceitos até então tido como os melhores. Assim, vivenciamos discussão que tinha como fio condutor a necessidade de romper com a visão fragmentada de educação.



Enfim, foi o início da construção do trabalho final, isto é, monografia, momento em que partimos para pesquisar aquilo que de fato nos inquiete e sentimos a necessidade de um conhecimento mais aprofundado.

## SEGUNDA PARTE: A PESQUISA

### 2.1 INTRODUÇÃO

Frequentemente nos deparamos em literatura concernente ao campo da educação, com diversos relatos de experiências que indicam supostas causas do fracasso escolar ou de práticas pedagógicas ineficientes com alunos em processo de alfabetização. Isso representa, talvez na tentativa de justificar, de forma generalizada, o baixo desempenho dos alunos nas avaliações oficiais, uma realidade vivida, sobretudo pelos atores sociais que transitam pelo cenário da escola pública brasileira, cheia de oposições, porém palco também de ricas experiências pedagógicas de sucesso, protagonizadas por gestores e educadores comprometidos com a criação de novas condições de ensino e aprendizagem, que não se deixam abater pela desvalorização profissional, bem como pelas condições precárias que muitas vezes encontramos em nossas escolas.

O ato de ler e escrever se constitui de elementos essenciais à condição humana, uma vez que a aquisição da língua oral e escrita nos remete à probabilidade de participação social na qual nos tornamos seres atuantes no mundo de hoje. “Ser leitor/escritor é uma das condições para galgar nossa cidadania, ao mesmo tempo que se revela como uma questão de inclusão social, ao possibilitar-nos a capacidade criadora e o posicionamento crítico na sociedade contemporânea” (CHARTIER, 2007, p.37 *apud* SOARES, 2003).

Sabendo que o processo de alfabetização se inicia antes mesmo da escolarização para muitas crianças em nosso país, Soares (2004, p.23), assegura que “a criança necessita ser alfabetizada convivendo com material escrito de qualidade, pois, dessa forma, ela passa a ser alfabetizada e letrada ao mesmo tempo”. Para isso, a autora orienta a necessidade da utilização de diversos materiais de leitura, jornais, livros, revistas, entre outros, que retratem a realidade do aluno e até mesmo livros da literatura infantil, abandonando a utilização das antigas cartilhas que ensinavam, a partir de textos sem sentido para o aprendiz, como por exemplo, o “Vovô viu a uva” (SOARES, 2004, p.26). E a escrita não é diferente, cabe ao

professor trabalhar com diversos gêneros textuais como: bilhetes, e-mails, contos entre outras produções textuais.

Tornar uma criança letrada “é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto, no qual a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno” (SOARES, 2003, p. 29). Dessa forma, a escola, enquanto agência por excelência de produção de conhecimentos exerce um papel de fundamental relevância no processo de aquisição da língua escrita, ao desenvolvê-la de forma sistematizada, atribuindo sentido ao aprendizado da leitura e da escrita, por meio das interações estabelecidas no contexto escolar. Tudo isso nos remete a um ponto básico que transformamos em nossa pergunta de pesquisa: que práticas pedagógicas de alfabetização e letramento contribuíram para o desenvolvimento do processo de aprendizagem dos alunos de uma escola da rede pública municipal de Serra do Ramalho – Bahia?

O estudo justifica-se pela conscientização da importância desta temática, no contexto da escola, em virtude das vivências advindas da minha experiência como professor alfabetizador.

Para o desenvolvimento desse estudo optou-se por utilizar a abordagem qualitativa e como instrumentos de coleta de dados observação participante e questionários. Nesta perspectiva, para responder a problemática deste estudo apresentamos os seguintes objetivo geral e específicos:

### **Objetivo geral**

Analisar se e como as práticas de alfabetização e letramento desenvolvidas pelas professoras contribuíram para o desenvolvimento do processo de aprendizagem dos alunos de uma escola pública da rede municipal de ensino de Serra do Ramalho no Estado da Bahia.

### **Objetivos específicos**

- Identificar que concepções de alfabetização e letramento fundamentavam as práticas pedagógicas desenvolvidas pelas professoras deste estudo.
- Identificar as referências teóricas que fundamentavam as práticas

pedagógicas de alfabetização e letramento desenvolvidas pelos professores da escola investigada.

- Identificar como os professores concebiam o aluno alfabetizado/letrado de sua prática pedagógica.
- Identificar e discutir facilidades e dificuldades encontradas pelos professores da escola investigada em relação ao processo de alfabetização e letramento desenvolvido com seus alunos.
- Analisar as contribuições das famílias em relação ao processo de aprendizagem de seus alunos por meio das vozes das professoras participantes do estudo.

A presente pesquisa está estruturada em três capítulos para facilitar a visualização do leitor acerca dos fenômenos observados, assim dividida: no primeiro capítulo aborda o referencial teórico que embasa o trabalho; no segundo capítulo estudo apresenta a metodologia, os caminhos percorridos durante seu desenvolvimento; no terceiro capítulo análise e interpretação dos dados encontrados discute-se os fenômenos observados e as respostas apresentadas pelas interlocutoras; e, por fim, as considerações finais, que apresentam os resultados encontrados na pesquisa.

## **CAPITULO I - REFERENCIAL TEÓRICO**

No processo de alfabetização e letramento, o aluno se apropria da língua escrita quando compreende a relação entre letras e sons produzidos de palavras e desenvolver, habilidades de comunicação com o mundo exterior. É significativo observar que nos dias de hoje as práticas pedagógicas das classes de alfabetização necessitam dar atenção também ao letramento, uma vez que, o aluno para ser considerado alfabetizado precisa, além de codificar e decodificar o sistema alfabético, dominá-lo e usá-lo no contexto social em que está inserido.

Esse capítulo apresenta o referencial teórico, no qual discute os conceitos de alfabetização e letramento e o equilíbrio entre ambos, bem como a construção e os desafios das práticas pedagógicas desenvolvidas nesse processo e como a participação da família é fundamental para a aprendizagem do aluno.

A escola é essencialmente um espaço de fonte de informação, de construção dos saberes sistematizados socialmente, de socialização desses saberes, bem como da formação de cidadãos (LDB 9394/96). Esses compromissos podem ser concretizados e garantidos na medida em que a escola constrói momentos significativos de interação entre os conhecimentos escolares e as experiências advindas do meio social que ele vive.

Portanto, não se pode restringir a participação da família apenas às reuniões escolares, festas comemorativas, mas possibilitar uma interlocução dinâmica constante entre o cotidiano do aluno e a escola.

A escola deve, então, estar atenta e preparada para, em qualquer visita dos familiares ou responsáveis, mesmo que seja para tratar de outros assuntos, realizar a acolhida e deixar claro que sua presença pode proporcionar pontos positivos na vida escolar de seu filho ou seus filhos.

A relação entre escola e família deve ser pensada no planejamento de cada atividade, pois é necessária, para promover uma relação construtiva entre escola e família. A instituição de ensino precisa ficar atenta às especificidades da comunidade que atende, principalmente, em seus aspectos culturais.

Conhecer a realidade sociocultural das famílias deve ser o ponto de partida mais importante da educação, enquanto processo formador do homem, que faz da inteligência e da aquisição de conhecimentos um instrumento do bem querer e do bem viver.

É necessário, então, pensar em uma educação mais humana, por meio da qual os sujeitos envolvidos se realizam na interação com o outro, imprimindo sentido à existência e motivando o processo de conquista de conhecimentos que dá base à formação crítica e transformadora da realidade.

Desse modo, não se pode negar que a educação tem avançado muito nas últimas décadas e as tecnologias permitem a veiculação de informações cada vez mais rápida, mas também se pode contar com a participação da família no ambiente escolar, provavelmente, o trabalho pedagógico não tem o efeito tão esperado quanto o desejado pela escola.

Assim, é preciso “conectar” escola, família, aluno e novas tecnologias, pois acredito que só desse modo podemos conseguir alcançar os objetivos programados que é alfabetizar, letrando.

Quando a família e a escola estabelecem boas relações de diálogo, as condições para aprendizagem e desenvolvimento da criança acontecem de forma satisfatória, decorrendo desse fato, que pais e professores devem buscar estratégias conjuntas, em que se reconheça a validade da colaboração dos pais no projeto escolar, bem como contribui para que as famílias participem ativamente na educação dos filhos. Nesse sentido, a escola precisa se legitimar como “lugar onde crianças, famílias e profissionais convivem, crescem e aprendem juntos. Onde todo esse conjunto de experiências, vivências e relações seja fonte de crescimento e aprendizagem para toda a comunidade educativa” (VÉLEZ, 2008, p. 15).

Nesse sentido, enquanto a escola é responsável em desenvolver o conhecimento científico numa perspectiva universal e sistematizada, o contexto familiar assiste a transmissão de valores e crenças, responsáveis por uma aprendizagem de maneira coordenada.

Em síntese, os pais devem participar ativamente dos processos educativos que envolvem seus filhos, quer sejam em casa quer sejam na escola,

principalmente, nas tomadas de decisões, assim, cabe a escola manter relacionamentos que respeitem as peculiaridades de todos os envolvidos nesse processo, pais, alunos, professores e direção.

## **1.1 Letramento e Alfabetização**

O termo Letramento é uma tradução para o português da palavra inglesa “literacy” que pode ser entendida como a condição de ser letrado. Uma pessoa alfabetizada não é necessariamente letrada, pois, alfabetizada é aquela pessoa que sabe ler e escrever e letrado é aquele que sabe ler e escrever, mas que responde apropriadamente às demandas sociais de leitura e escrita. Assim, alfabetizar letrando pode ser definido como uma estratégia de ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e escrita (SOARES, 2003).

Ainda conforme Soares (2003), no Brasil, os significados de alfabetização e letramento se juntam e se confundem. A discussão do letramento aparece sempre misturada ao conceito de alfabetização, o que tem levado, em alguns contextos a uma síntese imprópria dos dois procedimentos, com superioridade do conceito de letramento sobre o de alfabetização.

De acordo com Ferreiro e Teberosky (1986), não devemos desagregar os dois processos, pois de início o estudo do aluno no universo da escrita se dá simultâneo por meio desses dois processos: a alfabetização, e pelo desenvolvimento de habilidades da leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, o letramento.

Soares (2003, p. 56), também defende o equilíbrio entre os dois em questão, e assegura que a alfabetização e letramento são conceitos confundidos ou sobrepostos com muita frequência, é importante diferenciá-los, porém, ao mesmo tempo em que é importante aproximá-los, mesmo porque a distinção é necessária por que.

Alfabetizar letrando ou letrar alfabetizando pela integração e pela articulação das várias facetas do processo de aprendizagem inicial da língua escrita é sem dúvida o caminho para superação dos problemas que vimos enfrentando nesta etapa da escolarização; descaminhos serão tentativas de voltar a privilegiar esta ou aquela faceta como se fez no passado, como se faz hoje, sempre resultando

no reiterado fracasso da escola brasileira em dar às crianças acesso efetivo ao mundo da escrita (Soares, 2003, p. 56)

Existe, portanto, alguma ênfase dos efeitos benéficos que uma abordagem mais abrangente da alfabetização tem sobre a qualidade do desempenho inicial das crianças em leitura e escrita. São estudos desta natureza, que poderão dar o suporte empírico necessário à posição defendida por Soares.

Conforme Ferreiro (2003, p. 39), “o conhecimento das letras é simplesmente um meio para o letramento, que é o uso social da leitura e da escrita. Para formar cidadãos atuantes é preciso reconhecer o valor da informação sobre letramento e não de alfabetização”. Nessa direção, a referida autora enfatiza que letrar significa colocar a criança no mundo letrado, trabalhando com os inconfundíveis usos de escrita na sociedade. Esse processo inicia muito antes da alfabetização, quando a criança começa a interagir socialmente com as práticas de letramento no seu mundo social.

O letramento é cultural, por isso muitos alunos já vão para a escola com alguns conhecimentos sobre a língua escrita obtidos de maneira informal no cotidiano. Ao “conhecer a importância do letramento, deixamos de exercitar o aprendizado automático e repetitivo, tomando como base a descontextualização” (MORAIS, 2004, p. 38).

Soares (2003,) afirma que, na escola, o aluno necessita exercer uma interação de maneira firme com o caráter social da escrita para ler e escrever textos significativos. “A alfabetização se ocupa da aquisição da escrita pelo indivíduo ou grupos de indivíduos, o letramento foca os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade” (SOARES, 2003, p.49).

Ainda conforme Soares (2003, p. 34), “a alfabetização precisa se propagar em um contexto de letramento como princípio da aprendizagem, no desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita nas práticas sociais que abrangem a língua escrita e atitudes de caráter prático em relação a esse aprendizado”. No entanto alfabetização e letramento necessitam ter tratamento metodológico diferenciado e com isso alcançar o sucesso no ensino e aprendizagem da língua escrita, falada e contextualizada nas nossas escolas.



Letramento é instruir-se por meio da leitura e da escrita é procurar notícias e lazer nos jornais, é exercer uma interação selecionando o que aguçar interesse, divertindo-se com as histórias em quadrinhos, fazer comunicação por meio do recado, do bilhete, do telegrama. Como enfatiza Ferreiro (2003, p. 42)

É ainda ler histórias com o livro nas mãos, é emocionar-se com as histórias lidas, e fazer, dos personagens, os melhores amigos. Letramento é descobrir a si mesmo pela leitura e pela escrita, é entender quem a gente é, e descobrir quem podemos ser.

Para Soares (2003), "foi no contexto das grandes transformações sociais, culturais, políticas e econômicas que o termo letramento apareceu, alargando o sentido do que tradicionalmente se conhecia por alfabetização". Atualmente, tão importante quanto conhecer o funcionamento do sistema de escrita é poder se empenhar em práticas sociais letradas, respondendo aos apelos fatais de uma cultura grafocêntrica. Assim, enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento lança um olhar aos aspectos sócio-históricos da aquisição de uma sociedade.

Vale salientar que, mais do que apresentar a incompatibilidade entre os conceitos de alfabetização e letramento, Soares (2003, p.52) "valoriza o embate qualitativo que este conjunto de práticas sociais retrata para o sujeito, excedendo os limites da dimensão técnica e instrumental do puro domínio do sistema de escrita". Para (SOARES, 2003, p.45) "alfabetização é o processo pelo qual se obtém o domínio de um código e das habilidades de utilizá-los para ler e escrever", assim o letramento significa diversas habilidades como, por exemplo, a capacidade de ler e escrever para atingir diferentes objetivos.

Ao deixar que o sujeito interprete, sistematize, confronte, induza, oriente-se, reivindique, e comprometa a sua memória, o efetivo uso da escrita certifica-lhe uma condição diferente na sua relação com o mundo, um estado não obrigatoriamente conquistado por aquele que apenas domina o código (Soares, 1985). Por isso, aprender a ler e escrever não quer dizer apenas o conhecer as letras do alfabeto e aprender a codificar e decodificá-las, mas a possibilidade de utilizar esse conhecimento em favor de formas de expressão e comunicação, possíveis necessárias e legítimas em um determinado contexto cultural.

## **1.2 A construção das práticas pelos professores no cotidiano da sala de aula**

A prática pedagógica é a ação executada pelos professores no ambiente educativo, tendo como principal importância propagar a aprendizagem dos alunos, por meio de estratégias que tornem viável o trabalho em sala de aula, determinado por diversos saberes, habilidades e competências, relacionados ao trabalho docente.

Baseados em Garcia (2003), compreendemos que a prática pedagógica é orientada pela teoria que se encontra incluída nas mais diversas situações no decorrer dos processos de formação e prática docente. “Os conhecimentos originários da prática pedagógica, são os saberes que irão dirigi-la, produzindo conhecimentos a partir de reflexões sobre a prática pedagógica”. (GARCIA, 2003, p. 30).

De acordo com Chartier (2007, p. 38 apud SOARES, 2003), “o professor constrói suas práticas por meio do que está sendo discutido no meio acadêmico e transferido para os textos do saber”. Dessa forma, a partir de suas reinterpretações, considera o que é praticável e pertinente para ser feito em sala de aula. Nessa reconstrução, as práticas escolares cotidianas se tornam apropriações ativas, mas não como algo finalizado.

Pensando nas práticas de alfabetização e letramento dos professores, (MORAIS, 2004, P.46) mostrou que estes devem dar prioridade, nos anos iniciais do ensino fundamental, tanto em atividades que assegurem a apropriação do sistema alfabético de escrita pelos alunos, como aquelas que abranjam a leitura e a produção de textos. É necessário, no entanto, fixar as expectativas de aprendizagem para cada ano do 1º ciclo, pois delas proviriam os critérios de avaliação e o nível de exigência.

Em estudos realizados por Oliveira (2005), através de um grupo focal com professores e análise dos registros nos diários dos docentes, a pesquisadora

constatou que as professoras manifestavam dificuldades em deixar claro as estratégias de ensino e conhecimentos a serem apropriados pelos alunos ao fim de cada ano letivo do 1º ciclo, havendo assim expectativa de que a professora do ano seguinte desse conta das lacunas de aprendizagem dos alunos nos três primeiros anos de estudo.

Frigotto (2005), ao investigar as práticas de leitura e de escrita nos ciclos iniciais de alfabetização, mencionou que a escola pública, ainda que esteja organizada em ciclos, continuava obtendo um baixo desempenho; pois a ausência de uma avaliação seletiva de um ano para outro, sem uma aprendizagem sistemática fundamentada em uma concepção dialógica de linguagem, impedi o salto qualitativo de alguns alunos durante os três anos do ciclo.

A pesquisa de Cunha (2007), acerca das práticas de professoras dos primeiros ciclos, mostrou que as docentes conheciam a importância dos ciclos para a inclusão dos alunos com dificuldades e que havia uma mistura de práticas características do sistema seriado e do primeiro ciclo. O discurso sobre as práticas pedagógicas também apontou que elas tinham um trabalho diferente, realizavam sondagens e avaliações formativas, respeitavam a heterogeneidade dos alunos, pois usavam atividades diferentes e formação de diferentes grupos. Para esta autora, as práticas sofreram mudanças entre o sistema seriado e o regime ciclo.

Compreendemos, como Chartier (2002), que as mudanças nas práticas de ensino podem estar relacionadas, entre outras coisas, com mudanças realizadas em determinados conteúdos a serem ensinados, que constituiriam mudanças de natureza didática; ou com mudanças relacionadas à organização do trabalho pedagógico como material pedagógico, avaliação, etc., que se assinalam como mudanças pedagógicas.

Nesse processo, fica evidente que os diferentes métodos de base tradicional, a exemplo os métodos de base fônica e os métodos analíticos apesar de procurarem situar a relação grafema/fonema em unidades de sentido podem ser consideradas perseverantes e coexistentes no atual estado das práticas pedagógicas em alfabetização e da produção de livros e materiais didáticos em geral.

Já as práticas fundamentadas no ideário construtivista, ao longo das últimas décadas, trazem como pontos positivos a introdução e/ou o resgate de importante dimensão da aprendizagem significativa e das interações, bem como dos usos sociais da escrita e da leitura, articulados à uma concepção mais ampla de letramento. Assim sendo, uma alfabetização de qualidade e produtiva é aquela que contempla de maneira articulada e simultânea, a alfabetização e o letramento.

### **1.3 Desafios da prática pedagógica alfabetizadora**

As práticas de alfabetização necessitam considerar a contextualização da escrita com base nas situações reais de uso dessa tecnologia na sociedade, oferecendo condições para o letramento ao mesmo tempo em que situam os gêneros textuais, determinando suas funções comunicativas (OLIVEIRA, 2005). Considera-se então, a exceção de que a escola não pode abonar o acesso a todos os tipos de leitura ou mesmo a sua utilização. No entanto, como agência determinante do letramento deve conduzir o aluno ao acesso da cultura letrada, possibilitando-o o conhecimento das diversas formas de utilização dos recursos comunicativos. Tal proposição encaminha a discussão sobre o papel do professor alfabetizador nesse contexto, a fim de que possa propagar práticas significativas de ensino que possibilitem o desenvolvimento do aluno acerca do funcionamento e utilização da escrita.

Soares (1985) afirma ter esperança sociocultural da alfabetização, cuja reflexão pondera a percepção da criança acerca da língua escrita, a partir dos conhecimentos trazidos, as marcas de oralidade desenvolvidas nos discursos da família, como um conhecimento real da criança que deve ser potencializado na escola quando se discute o conhecimento formal.

Essa introdução ao mundo da escrita, na escola, não se caracteriza como um momento inaugural de entrada em um mundo desconhecido: embora ainda “analfabeta”, a criança já tem representações sobre o que é ler e escrever, já interage com textos escritos de diferentes gêneros e em diferentes portadores, convive

com pessoas que leem e escrevem, participa de situações sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 1985, p. 69).

A atribuição do alfabetizador, nesse sentido, é a de mediar conhecimentos, tendo em vista o desenvolvimento das funções psicológicas superiores da criança, com o intuito de que esta possa se desenvolver independentemente. Vale ressaltar que o alfabetizador sendo conhecedor do funcionamento da escrita e de como a criança aprende, desenvolve situações significativas de aprendizagem, reflete sobre o uso e a função social da escrita no uso cotidiano, como aspectos integrantes da organização do trabalho pedagógico na alfabetização.

Conforme Freire (1988) nos diz, “é essencial que saibamos valorizar a cultura em que nosso aluno está inserido, partindo desta cultura, e procurando aprofundar seus conhecimentos, para que participe do processo permanente da sua libertação”. Assegura ainda que a leitura do seu mundo fosse sempre fundamental para a compreensão da importância do ato de ler, de escrever ou de reescrevê-lo, e transformá-lo através de uma prática consciente.

Nesse sentido, é imprescindível alfabetizar letrando, pois dimensiona a aprendizagem sobre a língua, de maneira a oferecer situações nas quais o aluno possa interagir com a língua escrita a partir de usos reais expressos nas diversas situações comunicativas, como as expressões utilizadas por eles no seu dia a dia. Assim, aprender a escrever envolve, por um lado, a apropriação do sistema alfabético e ortográfico e, por outro, o desenvolvimento de habilidades textuais, ou seja, a produção de textos observando os elementos discursivos, de acordo com a tipologia textual, de modo a entender que cada gênero possui uma forma diferente quanto à estrutura e organização, com o intuito atender uma finalidade específica.

Identifica-se então que à escola cabe aumentar as experiências de leitura e escrita, oferecendo aos alunos condições para o letramento, pois de acordo com Soares (1989), além de melhorar as habilidades já advindas de produção de gêneros de textos orais distintos, levar à aquisição e ao aumento das habilidades de produção de textos escritos, de diferentes gêneros e veiculados por meio de diferentes portadores.

Contudo, pensar a alfabetização na perspectiva do letramento implica na compreensão de um trabalho pedagógico constituído a partir da reflexão em torno desses termos, enquanto processos distintos, específicos, porém indissociáveis, que envolvem procedimentos diferenciados de ensino, considerando a necessidade e a importância de desenvolver a alfabetização num contexto de letramento. Assim, mostra-se claramente o papel essencial que a professora alfabetizadora assume no processo de apropriação da escrita pelo aluno, sendo necessária a sistematização de conhecimentos acerca do processo linguístico, psicolinguístico e sociolinguístico do sistema alfabético e ortográfico, com o intuito de que possa propagar de maneira competente, situações significativas de aprendizagem, oferecendo ao aluno a apropriação da escrita de maneira bem-sucedida.

A alfabetização na perspectiva do letramento implica ainda uma opção política, em que o sentido dado à palavra incute a possibilidade de transformação da realidade, principalmente considerando o direito de todos à apropriação da escrita enquanto bem cultural, haja vista que se faz essencial à reflexão em torno das práticas de letramento desenvolvidas no processo de alfabetização, uma vez que a escrita atravessa os diferentes domínios sociais e faz parte do nosso cotidiano, sobretudo com o advento da sociedade do conhecimento (OLIVEIRA, 2005). No entanto, deve-se ressaltar a importância de entendermos que existem maneiras distintas de falar, bem como diferentes maneiras de escrever, situando as variações linguísticas de acordo o contexto social em que atuamos e os diferentes papéis sociais que exercemos no seio de uma cultura letrada.

Outro fato recorrente nessa discussão é a importância da família no processo de alfabetização, ela precisa conhecer o processo pelo qual o ensino está vivendo e, na maioria das vezes, pais e mães viveram uma escolarização que priorizava um ensino prescritivo, algo que se distância da prática corrente de alfabetizar. A realidade pesquisada evidencia a baixa participação dos pais no processo de alfabetização dos alunos principalmente pelo baixo grau de escolarização.

Em meio a essas discussões, espera-se que o pedagogo seja um profissional capaz de desenvolver o ensino e a pesquisa em educação, além de proporcionar uma discussão que mostre a educação pelo olhar da interdisciplinaridade, coordene planejamentos, seja capaz de administrar a instituição de ensino e, por fim,

mantenha se sempre atualizado com as problemáticas e discussões educacionais. E que se perceba o papel importante da família e crie atividades que aproxima a família da escola. Uma vez que se percebe o distanciamento dos familiares cada vez mais dos estabelecimentos de ensino.

## **CAPÍTULO II - Metodologia de Pesquisa**

Este capítulo apresenta os caminhos e as possibilidades que serviram de base para a coleta de dados deste estudo o qual teve como objetivo principal analisar se e como as práticas de alfabetização e letramento desenvolvidas pelas professoras de uma escola pública da rede municipal de Serra do Ramalho no Estado da Bahia contribuíam para o desenvolvimento do processo de aprendizagem dos alunos.

E para compreender melhor a realidade do objeto de estudo foi utilizada a abordagem qualitativa, que segundo Minayo (2001, p. 34) pode ser entendida como: “[...] é o caminho do pensamento a ser seguido, ocupa um lugar central na teoria e trata-se basicamente do conjunto de técnicas a ser adotada para construir uma realidade”. Sendo assim, o estudo pautou-se na compreensão do mundo real, em que se buscou interpretar as práticas pedagógicas das professoras da alfabetização de uma escola pública do ensino fundamental de Serra do Ramalho no estado da Bahia.

Ludke e André (1986) afirmam que as pesquisas que utilizam da abordagem qualitativa possuem a facilidade de poder descrever a complexidade de uma determinada hipótese ou problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por sujeitos sociais, apresentar contribuições no processo de mudança, criação ou formação de opiniões de determinado grupo e permitir, em maior grau de profundidade, a interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos. Ou seja, tal pesquisa permite uma maior aproximação entre pesquisador e os sujeitos da pesquisa e com isso uma melhor compreensão do problema analisado.

Assim essa sessão apresenta a caracterização do lócus da pesquisa, o percurso e os instrumentos escolhidos para coleta de dados, bem como os procedimentos para sua análise, em que a discussão central é a prática pedagógica das professoras alfabetizadora.



## 2.1 Contextos do Estudo de Pesquisa

Este estudo de pesquisa foi realizado em uma escola da rede municipal de ensino de Serra do Ramalho no Estado da Bahia. Esta escola começou a funcionar no ano de 1977, com turmas de alfabetização à 4ª série, com alunos da faixa etária entre sete (07) e quinze (15) anos de idade. Em princípio, a escola contava apenas com cinco salas de aula, uma cozinha, três banheiros, dois depósitos e uma sala para a diretora que funcionava também como secretária.

Hoje, a escola analisada ocupa uma área de 1.142 m<sup>2</sup>, atendendo um total de 560 estudantes, em oito salas de aula, uma sala para a diretora, uma para os professores, uma para a secretária, uma para o laboratório de informática, uma para a cozinha, quatro banheiros, um pátio coberto e dois depósitos.

Em termos de missão, essa escola identifica-se com o processo de construção de uma sociedade mais justa e a prática pedagógica é entendida como um estágio de vida, de todos e para todos, na esperança de formar cidadãos e cidadãs que unifiquem e colaborem com a nossa comunidade. Com isso, essa escola busca alinhar com práticas democráticas e competentes e empenhadas com a aprendizagem significativa dos alunos, com a intenção de transformar informações em conhecimentos necessários à vida dos alunos.

Na parte administrativa, a escola possui uma diretora, três vigias, uma auxiliar administrativo e sete auxiliares de serviços gerais. Essa escola recebe alunos da educação infantil (Pré – escola), do ensino fundamental do (1º ao 9º ano), da educação de jovens e adultos e do ensino médio (1º, 2º e 3º anos), sendo este último ano, mantido pelo estado. Esta regra foi estabelecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96) vigente com o objetivo de organizar o sistema educacional brasileiro em regime de colaboração, ou seja, de corresponsabilidade entre todos os entes federativos (União, Estados/Distrito Federal e Municípios), conforme definido na Constituição (art. 205).

No início do funcionamento da escola, a comunidade não dispunha de profissionais da área de educação, o corpo docente vinha de cidades circunvizinhas

para suprir essa necessidade. Só em meados de 1982, recebemos os primeiros professores formados em magistério, residentes nesta comunidade que estudaram no município de Bom Jesus da Lapa, mas, com a emancipação política dessa cidade em 1989, crescimento populacional e exigências do mercado de trabalho ampliaram-se o quadro de funcionários da educação e alunos, passando a escola a funcionar também com turmas de 5ª a 8ª série do ensino fundamental.

O corpo docente deste estabelecimento de ensino conta atualmente com 25 professores do quadro efetivo municipal e 04 professores contratados pelo Programa de Prestação de Serviços Temporários (PST). Desses professores, seis são Pedagogos formados pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e um professor graduado em Letras pela FTC (Faculdade em Tecnologia e Ciências (FTC)) do polo Bom Jesus da Lapa.

No que se refere à relação família escola, percebe-se que esta se dá somente durante festividades estudantis e reunião de pais e mestres.

## **2.2 Participantes do Estudo de Pesquisa**

Os participantes deste estudo foram quatro professoras de alfabetização que trabalham na escola investigada. As interlocutoras da pesquisa eram do sexo feminino, na faixa etária entre 28 e 39 anos de idade, atuam em sala de aula entre 05 e 16 anos e possuem graduação em Pedagogia. Participam de formação continuada com o coordenador pedagógico da escola e possuem experiência entre 8 e 10 anos em sala de alfabetização.

Vale salientar que as professoras foram bastante receptivas e se dispuseram a ajudar na realização da pesquisa.

## **2.3 Instrumentos de coleta de dados utilizados no Estudo**

Os instrumentos de coleta de dados deste estudo foram de suma importância para o alcance dos objetivos propostos neste trabalho. Foi através deles que adquirimos os dados necessários para construir os resultados deste estudo de pesquisa que analisamos no próximo capítulo.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram a observação participante e um questionário, os quais permitiram realizar a coleta das informações descritas neste estudo.

O primeiro procedimento feito para realizar este trabalho foi a observação participante em sala de aula como procedimento de coleta de dados também serviu para a obtenção dos dados válidos e fidedignos. Dessa forma, segundo Minayo (2001), a observação participante para se tornar um instrumento válido de investigação precisa ser antes de tudo controlada e sistematizada. Implica um planejamento cuidadoso do roteiro e uma preparação rigorosa do observador, isso significa determinar com antecedência “o que” e “o como” observar.

Vale salientar que a observação foi realizada em quatro turmas do 1º ano de alfabetização, no período de 06 de agosto e 27 de setembro de 2013, totalizando 40 horas de observação, nas quais se tomou como base o planejamento semanal das professoras para organizar o horário para adentrar à sala de aula. As observações foram realizadas duas vezes por semana nos momentos de atividades referentes ao ensino da leitura e escrita.

Outro instrumento utilizado para coletar os dados foi o questionário aplicado as quatro professoras de alfabetização que demonstraram prazer em respondê-lo e participar da realização da pesquisa. Para Minayo (2001) este modo de proceder é o mais usual no trabalho de pesquisa em educação. Através dela, o pesquisador busca obter informações dos sujeitos participantes de uma pesquisa.

Para Minayo (2001), os questionários podem ser redigidos em forma de perguntas abertas, fechadas ou mistas. A autora afirma ainda que existem vantagens e desvantagens na aplicação de um questionário. As vantagens são referentes à possibilidade de uma investigação mais profunda e precisa e permitir identificar o pensamento ou o posicionamento do informante acerca do que foi questionado. Já as desvantagens consistem na dificuldade no momento de tabulação dos dados e acerca da análise que é mais complexa, cansativa e demorada. Nesse sentido, o questionário continha nove perguntas abertas.

## **2.4 Procedimentos de Coleta de Dados**

Inicialmente, no dia 06 de agosto de 2013, foi realizado um encontro com a diretora e professoras da escola investigada com o intuito de explicar os objetivos e a necessidade da realização da pesquisa. Vale ressaltar que participaram deste momento as professoras observadas e a diretora, quando foi entregue os termos de compromisso. Elas consentiram a realização da pesquisa

Noutro momento, foram coletados os dados por meio de observação participante da prática pedagógica das professoras de alfabetização. Vale ressaltar que toda informação observada foi escrita em um caderno de campo para melhor facilitar a análise dos dados.

Durante o período de observação, focamos o tipo de recursos utilizados nas aulas, se as professoras permitiam a participação dos alunos com relação a um determinado assunto, se houve situações em que os alunos se recusaram a realizar determinadas tarefas na sala de aula, se as professoras exerciam práticas de leituras incentivadoras, se incentivavam os alunos a se apropriarem da organização exposta na lousa e a reproduzi-las em seus cadernos e se trabalhavam com o método cartilhado.

Em seguida, foram aplicados os questionários às professoras. Tais procedimentos possibilitam o pesquisador colocar-se no lugar das professoras com o intuito de compreender como se realiza seu trabalho na escola.

## **2.5 Procedimentos de Análise de Dados**

Após a realização da observação participante e da aplicação dos questionários foi possível fazer a tabulação e análise dos dados que foram expostos pelos entrevistados.

Os dados coletados foram confrontados com a ideia dos autores citados no referencial teórico. Para tanto, foi fundamental que o pesquisador dominasse um conjunto de conhecimentos acerca da temática a ser investigada como: literatura que abordava o conteúdo, conceitos, métodos e os procedimentos de análise dos dados. Enfim, mesmo sabendo da complexidade que é realizar uma pesquisa em educação, tal dinâmica de investigação instigou-me a compreender a realidade vivenciada pelas professoras da Escola investigada.

### **CAPÍTULO III – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS ENCONTRADOS**

Tomando como base o planejamento semanal das professoras constituí minha entrada em cada uma das quatro salas duas vezes por semana para perceber como se dava o processo de alfabetização.

Durante as observações constatou-se que ao realizar atividades de leitura em duplas ou em grupo favorecia maior concentração e discussão entre os alunos, sempre o clima da sala ficava mais movimentado, pois estas atividades requeriam que os alunos conversassem, trocando ideias e informações, auxiliando-se mutuamente. Vale salientar que a postura das professoras nesses momentos não era de autoritarismo, suas falas eram firmes, mas demonstravam carinho pelos alunos explicando que era preciso, naquele momento, manter um combinado no grupo para pensar e fazer a atividade do seu melhor jeito.

Durante a realização de todas as atividades, as professoras – apresentadas aqui com nome fictício, a saber: Raquel, Lúcia, Tânia e Maria, com o intuito de preservar sua identidade demonstraram atenção com os alunos, falando com tom de voz sempre baixo e atendendo a cada um que solicitava sua ajuda com muita paciência.

As professoras também demonstravam muita preocupação com os alunos que se apresentavam mais lentos. Estavam sempre junto deles nos momentos de atividades de escrita, incentivando-os, auxiliando-os, procurando mediar o processo de aprendizagem. Nesse momento, as professoras sentiam dificuldade referente ao ritmo de leitura de alguns alunos. Ou seja, enquanto um aluno estava em determinado exercício, outros estavam além. Nessas situações, as professoras se perdiam um pouco, pois, o aluno que terminava primeiro distraía e atrapalhava quem estava no exercício anterior. De acordo com Almeida (2000, p. 174).

O formador precisa assumir uma postura investigadora, questionadora e flexível, para mediar a organização, a interconexão e a construção de conhecimentos pelos formandos, procura

identificar as dificuldades e os bloqueios que surgem no decorrer da implementação do projeto e atuar para auxiliar os formandos sobrepujá-las. Essa postura é vivenciada durante a formação, para ser assumida pelo formando na prática pedagógica com seus alunos.

Também foi observada que a relação entre os alunos na sala era normal para nossa faixa etária: às vezes uns brincavam com os outros, em outros momentos brigavam por algum motivo qualquer. As professoras observadas sempre mantinham um olhar atento a cada aluno, evitando confusões entre eles. Nesse sentido, Freire (1996, p.96) enfatiza que:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreende suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

Ainda em relação às observações realizadas em sala de aula, destacamos que as professoras apresentavam, predominantemente, atividades que exigiam uma ação reflexiva do aluno em relação às atividades propostas. Essas atividades aconteciam por meio da leitura de textos próxima da realidade dos alunos. Essa visão encontra respaldo nas palavras de Soares (1998) quando afirma que “dentre outras habilidades/capacidade, a leitura inclui as de fazer previsões sobre o texto, de construir significados combinando conhecimento prévio e informação textual”.

Outro episódio relevante observado foi em relação à proposição de atividades que fazia sentido para os alunos, ou seja, com seu cotidiano. As professoras demonstravam uma preocupação em contemplar a relação entre cotidiano e as atividades pedagógicas.

Após o período de observação, deu-se início do diálogo por meio de questionário acerca do método utilizado para ensinar seus alunos a lerem e escreverem obtivemos as seguintes respostas:

“Métodos tradicionais, baseados na repetição, na soletração, começando pela memorização das letras, depois sílabas etc. E o método construtivista, que pelo fato de valorizar o conhecimento já existente e utilizá-lo na construção de novos conhecimentos” (Professora Raquel).

“Através de textos, por frases e soletração de letras, considero mais adequado alfabetizar através de textos. Ao trabalhar o texto, o aluno terá o conhecimento do todo e, por sua vez, as partes – palavras” (Professora Lúcia).

“o método analítico sintético, tradicionalmente conhecido como método alfabético, e tradicional, pré - silábico e silábico alfabeto, através de textos curtos, explorando os gêneros textuais” (Professora Tânia).

“Gosto de trabalhar com frases curtas, dentro do próprio texto, especialmente as fábulas, pois permite a aquisição de estratégias de linguagem escritas, a partir de um texto curto, que facilita a proposta de reconto e rescrita e apropriação desse gênero pelos alunos, mas uso muito o método tradicional” (Professora Maria).

Para Ferreira (1999) “a questão dos métodos de alfabetização que de modo geral tanto ocupa a mente dos professores alfabetizadores não é fator digno de atenção, pois não são eles que determinam o bom desenvolvimento da criança no processo de alfabetização”, pois os métodos dão realce apenas às habilidades perceptivas e acabam deixando de lado aspectos que são fundamentais no processo como a competência linguística e a capacidade cognoscitiva da criança. Nesse sentido, a autora evidencia que os métodos de ensino mostram caminhos a serem seguidos para desenvolverem habilidades e, que buscar um método ideal não tem sentido, uma vez que os alunos não são iguais, cada um tem seu próprio ritmo e sua própria maneira de aprender, assim, o professor precisa conhecer competências linguísticas e cognitivas, essas são capazes orientar a ação do professor.

As interlocutoras também foram questionadas acerca do conceito de alfabetização e letramento e a professora Raquel afirmou que: “Alfabetizar é levar o aluno a decodificação de sinais a ler palavras, textos e letramento e a compreensão do que se lê, é fazer inferência, é construir e reconstruir ideias a partir de um texto.”

Já a Professora Lúcia assegura que “Alfabetizar é trabalhar somente leitura e decodificação de letras e sons. Letramento é alfabetizar letrando, oferecer aos alunos textos variados para leitura e interpretação de textos que circulam em nosso meio”.

A professora Tânia acredita que “alfabetizar é adotar uma rota da fala para a escrita ou vice versa, no percurso que conduz o aprendiz a compreensão da

adequação de usos próprios aos estilos e gêneros formais na modalidade escrita, mas precisamente considerando os princípios da língua falada como sendo importante para a alfabetização e ao letramento.” Percebe-se na resposta da professora valorização do conhecimento prévio e a inserção desse conhecimento na prática de alfabetizar. Vale ressaltar que, além de alfabetizar a referida professora se preocupa com a adequação da língua tanto escrita quanto oral ao contexto social.

A professora Maria afirma que “alfabetizar é possibilitar ao aluno um domínio da tecnologia da escrita de forma que o aluno saiba codificar e decodificar. Ao passo que letrar é também possibilitar o acesso ao código escrito mostrando seus usos reais.”

As respostas acima revelam a amplitude e a natureza da alfabetização que se aprendeu na formação. As professoras compreendem o conceito tanto de alfabetização quanto de letramento, esse último recorrente para que os alunos entendam o uso real da escrita.

Soares (2004), afirma que embora alfabetização e letramento sejam conceitos referentes, cada um tem a sua especificidade e deve ser entendido de acordo com o que representa no processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita. Logo, as professoras apresentaram poucos índices de diferenciação dos conceitos. Nesse sentido, a professora Raquel deixa claro os pontos que separam alfabetização e letramento, principalmente ao ter acesso ao universo textual.

Ainda conforme Soares (2004), o mal entendido em relação ao conceito alfabetização pode complicar as ações dos professores junto aos alunos, sendo necessário, que o professor compreenda a alfabetização como um processo e que entenda neste processo o que vem a ser a aquisição da língua e o desenvolvimento da língua, assim o professor deve ensinar os aspectos gráficos e sonoros das palavras desenvolvendo a competência fonológica. Essa visão, encontra-se sentido na resposta de Maria quanto afirma ser a alfabetização o domínio da tecnologia da escrita.

Para Ferreira (1999), “tradicionalmente, a alfabetização inicial é considerada em função da ligação entre o método utilizado e o estado de maturidade ou de prontidão da criança”. Os dois polos do processo de aprendizagem (quem ensina e quem aprende) têm sido caracterizado sem que leve em conta o terceiro elemento



da relação: a natureza do objeto de conhecimento envolvendo esta aprendizagem.

Neste sentido, percebe-se que as professoras entendem a alfabetização como um processo de construção do conhecimento; já o letramento é a capacidade de interagir e interpretar textos e o contexto social. Esses posicionamentos favorecem a aprendizagem dos alunos, uma vez que têm claro o que é alfabetizar e letrar e a importância de cada prática.

Dando continuidade ao questionário, foi perguntado se a teoria sustentaria o trabalho de cada uma delas, assim obtivemos as seguintes respostas.

“Procuró me embasar na teoria sócio-interacionista, nela o aluno é um sujeito que constrói o conhecimento junto com colegas e professor” (Professora Lúcia)

“Utilizo a teoria sócio-interacionista que é uma interação com o outro, com diferentes objetivos e textos que ocorrerá a aprendizagem”. (Professora Raquel)

“Metodologia pautada no sistema tradicional, pois por mais que queira ser interacionista, recorremos sempre ao tradicional, silábico com textos curtos com soletração, ditados ilustrados, caça-palavras, cruzadinha, formação de palavras e frases com letras variadas dentre outras”. Vale lembrar que devemos explorar os diversos textos, poemas, gibis, receitas, histórias em quadrinhos e outros (Professora Tânia).

“Procuró diversificar as abordagens em sala de aula, não deixo de usar o tradicional, mas acredito e também faço uso do interacionismo” (Professora Maria).

Constatou-se então que, em se tratando de embasamento teórico, as professoras apresentam ora uma tendência tradicional ora sócio-interacionista. Nas respostas apresentadas tanto sobre a formação quanto sobre a prática, fica evidente que o trabalho que desenvolvem na instituição não segue uma linha de orientação definida, ora apresenta o aluno como sujeito ativo no processo de aprendizado da leitura ora faz uso do tradicional.

Ao se referir à teoria sócio-interacionista como base do trabalho que fazem, explicitam uma concepção de alfabetização como um processo, no qual se faz presente o aluno como sujeito que constrói o conhecimento acerca da leitura e escrita mediado pelo professor, por seus pares, e pelo meio social. Haja vista que ao trabalhar com texto, o faz por meio da leitura, discussão em grupo e exposição de ideias.

Diante destas informações foi pertinente questioná-las também acerca da

maneira como organizam a aula para ensinar a ler e escrever, as respostas foram às seguintes:

Tento dar prioridade momentos pra brincar, jogar, momentos pra ela escrever de acordo com o que ela pensa. Utilizo também ditados, contos, reconto de história curtas cartazes com textos diversos; produção de textos caça palavras, cruzadinha, livros de leituras, gibis etc (Professora Raquel).

Por meio de textos voltados para a realidade do aluno, da palavra geradora, trabalho a letra inicial e final das palavras daquele texto, a estrutura, as letras que compõem uma palavra, elaborou uma atividade onde a criança tenha, por exemplo, que pensar pra escrever alguma coisa (Professora Lúcia).

Busco explorar aquilo que eles sabem principalmente as brincadeiras, as músicas, assim, abrimos um leque de questionamentos deixando sempre eles se expressar livremente com minha intervenção sempre que necessária (Professora Tânia).

Trabalho aguçando o conhecimento prévio dos alunos, fazendo com eles inferência do texto e, ao escolher textos privilegio os mais próximos do contexto deles (Professora Maria).

Ficou evidente então que as professoras organizavam o planejamento de suas aulas preocupadas com uma prática pedagógica não tradicional, procurando também dá uma visão do aluno como um sujeito ativo no processo de aprendizado da leitura e escrita. As aulas sempre seguiam uma contextualização, instigando a participação dos alunos, em que todos participavam e, quando havia resistência, a professora intervia.

Conforme Ferreiro (1989), “no trabalho de alfabetização, os professores deveriam trabalhar sempre com textos, palavras e letras, dando oportunidade aos alunos entrarem em contato direto com a língua escrita”. Ainda segundo a autora, “no ensino da leitura e da escrita são relevantes também às variações de textos, com predominância dos textos de comunicação, listas de palavras, histórias e narrativas”. (FERREIRO, 1989, p.26),

Percebe-se então, por meio das respostas, que as atividades propostas têm um referencial teórico que as embasa. As respostas das professoras deixam transparecer a organização das atividades pautadas nos estudos de Ferreiro (1989) e Soares (1985) que abordam o ensino da leitura e escrita como um processo complexo, no qual o aluno vai construindo o seu conhecimento por meio de práticas e no uso do objeto de ensino.

Ainda por meio do questionário procurou-se saber se as relações que estabelecem entre o que aprenderam na formação inicial e a prática na sala de aula, ou seja, a relação entre a teoria.

Relacionar a teoria à prática exige espaços e dedicação. A cada dia percebo que a melhoria da nossa prática é um processo, ninguém está realmente pronto, pois a cada etapa ou a cada ano letivo é um novo desafio que nos leva a pesquisar e desenvolver novas metodologias na sala de aula (Professora Raquel).

Trabalho tomando como base as teorias estudadas, o que vi sobre o processo de construção da leitura, escrita e letramento, pois, uma relação de que a aprendizagem é um processo de busca e conhecimento. Não é estagnada, está sempre em movimento, reflexão e ação (Professora Lúcia).

A relação entre formação inicial e continuada representa uma ressignificação de muito do que foi aprendido inicialmente, e que a prática pedagógica continua desafiadora e exigindo cada vez mais do profissional na sala de aula (Professora Tânia).

Procuro colocar em prática os conceitos estudados, pois acredito que a teoria sem prática torna-se vazia. Assim, diversifico minha dinâmica de trabalho (Professora Maria).

De acordo com as respostas acima, pode-se afirmar que os estudos realizados na formação inicial em relação ao processo de desenvolvimento da leitura e escrita pelas crianças foram essenciais para fundamentar a prática que as professoras da escola investigada realizam hoje.

Ao se referir às teorias estudadas na formação como alicerce do trabalho que realizaram, deixaram implícita uma relação estabelecida entre a teoria e a prática, relação esta que é o foco dessa pesquisa.

Para Tardif (1991), o professor constrói o seu saber unindo os conhecimentos científicos à experiência da prática, e nesse sentido, compreende-se ser essencial que as escolas de formação inicial ofereçam ao professor uma formação sólida que deverá ser aprofundada por meio da formação continuada e por meio da experiência.

As respostas das professoras evidenciam que elas construíram seus saberes relacionados à alfabetização, na prática, na experiência, a partir do que foi estudado na formação inicial e posteriormente na formação continuada. Mostra também que a prática é sempre desafiadora requerendo assim esse constatare estudo.

Com relação às dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita apresentadas por alguns alunos, as professoras caracterizam como sendo “Por falta de apoio em casa, outros por ser portador de necessidades especiais e um pouco de falta de interesse” (Professora Raquel); por “[...] *falta de concentração e atenção*” e *pelo fato de nunca ter frequentado à escola* (professora Lúcia). “*Não sei se há facilidades ou dificuldades, como foi questionado. O que ocorre é todo um trabalho pedagógico que deve estar mediado pelo professor e estruturado numa proposta eficiente com metodologias, recursos, espaços bem planejados e apoio constante dos envolvidos*” (Professora Tânia).

Compreende-se então que as professoras de modo geral tendem a colocar a causa da não aprendizagem toda centradas no ambiente, apoio psicológico, psicopedagógico, e nos demais envolvidos; direção, professor, família, aluno, secretária de educação que não oferece formação continuada para os profissionais dentre outros. Assim, muitas vezes, falta do próprio professor uma reflexão sobre a sua prática que exerce com seus alunos.

As respostas das professoras mostram que a falta de apoio em casa no que se refere à leitura ocasiona a dificuldade de aprendizagem e, cabe então os pais acompanharem o aluno nesse processo. Em síntese, as professoras reconhecem que cabe a elas o ensino da leitura para alunos com dificuldade.

De acordo com Schön (1995) o professor que incidi sobre o agir e sobre suas ações está mais atento aos alunos, procura conhecer melhor suas dificuldades, o seu nível de compreensão dos conteúdos estudados e, a partir destas reflexões, pode repensar e reorganizar sua prática sendo favorável assim à aprendizagem.

Outra questão a considerar foi a forma como as professoras agiam diante das dificuldades apresentadas pelos alunos que segundo elas estavam explicitadas no “[...] oferecimento de atendimento individualizado de maneira que fiquem mais próximas dos alunos e conversando com os pais ou responsáveis” (Professora Raquel); “Utilizando mais intervenções, desenvolvendo atividades lúdicas com jogo da memória, jogos de alfabetização, lista de nomes da turma, bem como atividades diferenciadas” (Professora Lúcia). “Na maioria das vezes mudo a procedimento e trabalho com planejamento diferente, mas isso por si só, não resolve, precisamos de apoio psicológico e psico-pedagógico para auxiliar aqueles que apresentam certo grau de dificuldade que o professor não consegue diagnosticar” (Professora Tânia).

“Uso planejamento diferenciado e quando não resolve, mudo minha metodologia, tento atender cada um individual, sempre que for possível recorro aos pais, reforço o para casa, encaminho para aula de reforço, não sei se é o melhor caminho, mas é o que faço” (Professora Maria).

Nas respostas das interlocutoras, existe certa preocupação em dar um acompanhamento individualizado aos alunos que apresentavam dificuldades. Embora não lançaram mão de outros recursos, a não ser o atendimento individual e as intervenções feitas por elas durante o processo. As respostas evidenciam a necessidade que as professoras sentem de acompanhamento de outros profissionais como bem explicita a professora Tânia ao mencionar apoio psicológico e psicopedagógico.

Conforme Tardif (1991) constitui-se como saber fundamental para que o professor, diante das dificuldades dos alunos, saber como proceder para ajudá-los, como por exemplo, que seja o saber da experiência, na forma como foram construindo suas práticas e na interação do grupo docente é que as professoras buscam melhorar a sua intervenção junto aos alunos com dificuldades. Nesse sentido, o professor constrói e reconstrói sua prática constantemente, tornando pesquisador, dos problemas que ocorre no contexto de ensino, só assim é possível intervenção.

As professoras também responderam que sentiam dificuldades em realizar a docência. Dentre as dificuldades mais citadas estavam na falta de material; o uso de atividades diversificadas e no processo de aprendizagem do aluno e a ausência da participação da família na alfabetização dos filhos.

“A falta de interesse da família na escola, em achar que o professor é o responsável integral pelo ensinamento de seu filho e descobrir como levar o aluno das series iniciais a refletir sobre o sistema de escrita, a linguagem já que é nosso papel é criar condições para tal reflexão” (Professora Raquel).

“E, a maior dificuldade que sinto é em apresentar atividade diferenciada aos alunos com dificuldade na aprendizagem e também tenho um pouco de dificuldade com relação ao método, que às vezes funciona com alguns e outros não, tem que mesclar” (Professora Lúcia).

“Essas dificuldades estão relacionadas a diversos aspectos como falta de motivação e auxílio da família nas atividades para casa, algumas dificuldades intelectuais, psicomotoras, auto-estima baixo, falta de recursos e espaço pedagógicos adequado para um trabalho

eficiente” (professora Tânia).

“As dificuldades sempre vão existir, mas precisamos encontrar soluções para tentar resolvê-las, pois essa também é nossa função, uma vez que as famílias já estão desmotivadas, os alunos também, então cabem a nós buscarmos juntas parcerias entre os envolvidos e mostrarmos para eles que a educação ainda é o caminho” (Professora Maria).

Discutindo sobre método de ensino, Albuquerque (2005), assegura que dessa forma, não se leva em consideração que aprendizagem da leitura e da escrita é um processo complexo, que “a criança precisa entender o que é a escrita, o que ela representa e como é representada, e que é interagindo com a língua escrita através de seus usos e funções que essa aprendizagem ocorreria, e não a partir da leitura de textos “forjados” como os presentes nas cartilhas tradicionais”. (ALBUQUERQUE, 2005, P. 67).

Ao analisar as respostas das professoras entrevistadas, é possível perceber a ênfase dada à participação da família na alfabetização das crianças, a (Professora Maria) responde que os alunos, em processo de alfabetização, não conseguem, em sua maioria, o sucesso que elas gostariam que tivessem, por não ter a parceria dos pais em casa, na hora de alfabetizá-los.

Em meio às dificuldades, as professoras citaram como facilidades:

“A disposição pela escola de alguns recursos pedagógicos e de formação continuada para os professores alfabetizadores” (Professora Raquel).

“A facilidade em trabalhar com os conhecimentos prévios dos alunos, ampliando-os” (Professora Lúcia).

“A educação é a prática mais humana, considerando a profundidade e amplitude na sua influência no desenvolvimento e existência dos seres humanos, por isso, o espaço que se dá esse desenvolvimento precisa ser bem equipados com materiais didáticos, espaços propícios e profissionais engajados nessa causa e sempre em busca de formação vamos alcançar a tão sonhada facilidade e desenvolver assim, o que a criança tem de melhor que é os saberes da vida em família e partir para um horizonte maior que é a comunidade, ou melhor, o mundo” (Professora Tânia).

Sabe-se que na sociedade atual, determinada como letrada, ainda que nem todos os membros saibam ler e escrever (LOPES, 2005) é quase impossível não

entrar em contato com a escrita. Mas, a quantidade e a qualidade desses contatos estão sujeitos às condições de vida e das características da comunidade em que as pessoas vivem, ou seja, dos eventos de letramento aos quais as pessoas têm acesso e praticam em seu cotidiano.

De acordo com Moll (1996), é a partir da necessidade que o aluno vai construindo formas cada vez mais elaboradas de representação, até chegar ao domínio do código escrito. Para uma compreensão abrangedora da alfabetização, é necessário que a resgatemos como objeto de conhecimento, do qual os indivíduos se apropriam através de experiências significativas.

Afirmam ainda que a criança que vive num ambiente estimulador vai construindo prazerosamente seu conhecimento do mundo. Quando a escrita faz parte de seu universo cultural também constrói conhecimento sobre a escrita e a leitura. Ler é conhecer. Quando mais tarde ela aprender a ler a palavra, já enriquecida por tantas leituras anteriores, apropriar-se á de mais um instrumento de conhecimento do mundo.

Logo, um dos elementos indispensáveis à alfabetização é o processo de compreensão do funcionamento do sistema de escrita, ou seja, para se apropriar dessa linguagem é necessário pensar sobre ela e compreendê-la.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizado o trabalho de análise dos dados, me engajei em responder à questão inicialmente proposta: Que práticas pedagógicas de alfabetização e letramento contribuem para o desenvolvimento do processo de aprendizagem dos alunos de uma escola da rede publica municipal de Serra do Ramalho – Bahia?

Com os dados recolhidos foi necessário avaliar atenciosamente o material para que pudesse ter um entendimento mais leal possível, acerca da realidade e dessa maneira, atingir os objetivos da pesquisa, que são: identificar que concepções de alfabetização e letramento bem como as referências teóricas que fundamentam as práticas pedagógicas de alfabetização e letramento desenvolvidas pelos professores da escola investigada; como os professores concebem o aluno alfabetizado/letrado de sua prática pedagógica e discutir facilidades e dificuldades encontradas pelos professores da escola investigada em relação ao processo de alfabetização e letramento desenvolvido com seus alunos.

Nota-se nos discursos e na prática observada das professoras, que as mesmas conhecem o método tradicional e as abordagens interacionistas, que veem os alunos como sujeito ativo, participante no processo de ensino aprendizagem. E suas práticas mesclam as duas abordagens.

A prática em sala de aula confirma uma concepção de aprendizagem de leitura e escrita que contempla a decodificação e a inserção do letramento. Pode-se também afirmar que as professoras estabeleceram seus saberes nas experiências a partir das teorias que estudaram e também com a prática em sala de aula, o saber da experiência. As professoras revelavam ter conhecimento de propostas didáticas que privilegiam a realização de práticas de leitura e produção de textos desde o início da alfabetização.

A análise dos dados da pesquisa apontou que as professoras pesquisadas possuem um conhecimento teórico e metodológico contextualizado para atuar no processo de alfabetização, pois as práticas de alfabetização e letramento desenvolvidas pelas professoras investigadas colaboram para o desenvolvimento do processo de aprendizagem de seus alunos. Dentre as práticas que mais contribuem para o processo de ensino aprendizagem encontram-se atividades de letramento, a



interação entre professor/aluno e releitura da realidade expressa no trabalho com leitura.

Pode-se afirmar também que as práticas pedagógicas desenvolvidas pelas professoras deste estudo são fundamentadas nos estudos de Ferreiro e Soares que versam o ensino da leitura e escrita como um processo difícil no qual a criança vai construindo o seu conhecimento por meio de práticas e na atuação com o objeto de ensino. Nesse sentido, podemos perceber que predomina no trabalho das professoras a teoria sociointeracionista, em que se percebe apenas em uma forte tendência do método tradicional.

Identificou-se com esse estudo que existem algumas dificuldades em relação ao processo de alfabetização e letramento, como por exemplo, a falta de material; no uso do método e no processo de aprendizagem do aluno e na participação da família na alfabetização das crianças, mas nada que impeçam as professoras de desenvolverem um bom trabalho.

Diante do acima exposto, verifica-se que os objetivos propostos com a realização desta produção foram alcançados, visto que o material bibliográfico acerca dos fatores que permeiam a alfabetização e letramento é vasto enriquecendo o assunto aqui estudado.

Assim sendo, as práticas de alfabetização na perspectiva do letramento devem demonstrar a importância do trabalho com os variados gêneros textuais, tomando como base os distintos suportes de leitura, tendo em vista oferecer ao aluno a percepção das múltiplas formas de utilização da escrita para várias finalidades, a partir das situações de letramento presentes no cotidiano do aluno.

Nesse processo, ficam aos interlocutores da pesquisa professoras, escola e sistema de ensino as seguintes sugestões: as professoras devem constituir a importância da alfabetização para o processo de ensino e aprendizagem ancorados na vivência do aluno, numa proposta que letramento e alfabetização se complementam; a escola precisa discutir em sua proposta pedagógica um ensino ancorado no contexto dos alunos; e, por fim, o sistema de ensino precisa ter clareza da valorização da cultura escrita, como os alunos se apropriam do sistema de escrita, o trabalho com leitura, produção de textos escritos e orais, processos que tenham como objetivos ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana Borges e LEAL, Telma Ferraz organizou: **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ALMEIDA, Maria Elizabeth. Proinfo: informática e formação de professores. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2000.

CHARTIER, Anne-Marie, HÉBRARD, Jean, (2000). Discours sur la lecture – 1880-2000. 2ª ed. Paris: Centre Pompidou; Fayard. In. SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Trabalho apresentado no GT Alfabetização, Leitura e Escrita, durante a 26ª Reunião Anual da ANPEd, realizada em Poços de Caldas, MG , de 5 a 8 de outubro de 2003. Disponível em [www.anped.org.br](http://www.anped.org.br). Acesso em: 28 de set. de 2013.

CHARTIER, Anne-Marie. **A escola obrigatória e o ofício de ensinar**. Palestra proferida no Programa de Pós graduação em Sociologia da UFPE, 2002.

CUNHA, Rosana C. da. Jornal escolar: raio de ações, rede de significações. **Da formação do aluno à formação do professor**. 55 f. Projeto de Tese (Qualificação em Linguística Aplicada) Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada. Unicamp, Campinas, 2007. Disponível em: [www.formacaodoprofessor.com.br/pdf](http://www.formacaodoprofessor.com.br/pdf). Acesso em: 02 de set. de 2013.

FERREIRO, E. & TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FERREIRO, E. **Escrita e oralidade**: unidades, níveis de análise e consciência metalinguística. In FERREIRO, E. (org.). Relações de (in) dependência entre oralidade e escrita. Porto Alegre: Artmed, 2003.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FRIGOTTO, Edith. A leitura e a escrita nos ciclos de formação: existe algum avanço?. In: **Reunião nacional da associação nacional de pesquisa em educação (ANPEd)**, 28., 2005, Caxambu. Anais da 2ª reunião. Caxambu, 2005. Disponível em: [www.anped.org.br](http://www.anped.org.br). Acesso em 28 de set. de 2013.

MOITA LOPES, L. P. **A construção do gênero e do letramento na escola**: como um tipo de conhecimento gera o outro. Investigações, Linguística e Teoria Literária. Vol. 17, nº, 2005.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU., 1986.

GARCIA, Regina Leite (Org). **A formação da professora alfabetizadora**: reflexões sobre a prática. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes. 2001.

MOLL, J. **Alfabetização possível**: reinventando o ensinar e o aprender. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 1996

MORAIS A. G. **A apropriação do sistema de notação alfabética e o desenvolvimento de habilidades de reflexão fonológica**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 35-48, 2004.

OLIVEIRA, Solange Alves de. **O ensino e a avaliação do aprendizado do sistema de escrita alfabética numa escolarização organizada em ciclos**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, 2005. Disponível em: [www.dissertacaomestrado.com.br](http://www.dissertacaomestrado.com.br). Acesso em: 26 de set. de 2013.

SOARES, M. B. **Alfabetização no Brasil**: o estado do conhecimento. Brasília: INEP/REDUC, 1989.

\_\_\_\_\_. **As muitas facetas da alfabetização**. Caderno de Pesquisas, São Paulo,

n. 52, p. 1- 135, fev. 1985.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização e letramento, caminhos e descaminhos.** Revista Pátio, ano VIII, n. 29, p. 19-22, fev / abr. 2004.

\_\_\_\_\_, Magda. **Letramento e alfabetização:** as muitas facetas. Trabalho apresentado no GT Alfabetização, Leitura e Escrita, durante a 26ª Reunião Anual da ANPEd, realizada em Poços de Caldas, MG , de 5 a 8 de outubro de 2003. Disponível em [www.anped.org.br](http://www.anped.org.br). Acesso em: 28 de set. de 2013.

SCHÖN, D.A. **Educando o profissional reflexivo:** um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

TARDIF, M.; LESSARD, C; LAHAYEL, L. **Os professores face ao saber:** esboço de uma problemática do saber docente. Porto alegre: teoria e educação, 1991.

VÉLEZ, Mercedes Blasi. **Vínculos entre famílias e profissionais na construção do projeto educativo.** Revista Pátio Educação Infantil, ano VI, n. 17, p. 14-17, jul./out. 2008.

## APÊNDICE A

### QUESTIONÁRIO

1. Qual a definição de alfabetização?

2. Quais os métodos de alfabetização que você conhece? Qual você considera mais adequado e por quê?

3. Você tem uma teoria que embasa o seu trabalho hoje, na alfabetização?

( ) sim

( ) não

Qual: \_\_\_\_\_

3. Que método você utiliza para ensinar seus alunos a ler e escrever? De que forma o faz?

4. Você tem alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita?

( ) sim

( ) não

A que você atribui essas dificuldades?

\_\_\_\_\_

5. Como trabalha com os alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita?

6. Que relações você estabelece entre o que aprendeu na sua formação inicial e continuada e a sua prática hoje em sala de aula?

7. Quais maiores dificuldades encontradas no processo de alfabetização?

## **APÊNDICE B**

## **ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO**

Serão observadas questões relacionadas...

(01) Sala de aula: aspectos físicos, organização, materiais utilizados.

(02) Turmas: características dos alunos, relação dos alunos entre si.

(03) Atividades de leitura: tipos de textos utilizados; estratégias utilizadas nas atividades de leitura; frequência das atividades.

(04) Atividades de escrita: atividades propostas; estratégias de ensino utilizadas; frequência das atividades; tipos de atividades de registro escrito dos alunos

(05) Postura do professor: relação com os alunos; estratégia de ensino utilizada conduta diante de alunos com dificuldades no aprendizado permitia a participação dos alunos.

## **APÊNDICE C**

## PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS NO CAMPO DA PEDAGOGIA

*Quando olho para o passado, teço algumas reflexões de como vivia com minha família, pessoas muito humildes, mas sinceras, honesta e sempre com vontade de mudança, ir buscar a melhoria superando muitos obstáculos, quando fui diplomado professor precisava logo realizar minha formação em Geografia, pois era a disciplina que lecionava, mas por obra do destino ingressei em pedagogia.*

*Assim, resolvi cursar pedagogia era conhecedor das dificuldades que tinha de enfrentar como profissional da área da educação, pelo fato da profissão não ser bem recompensada e de ter que enfrenta diversos problemas sociais do cotidiano dos alunos.*

*Acredito que devemos dar muita importância para a vida onde só é completa quando damos valor e complementamos com a educação que é a estrutura de todo o ser humano.*

*Espero poder colocar em prática todo o conhecimento que adquirir para que tenha possibilidade de transmitir e contribuir para que os alunos venham extasiar toda aprendizagem imprescindível que possam ter um futuro de sucesso em sua qualidade de vida.*

*O essencial é trabalhar com parcerias professor, aluno, família é o que coopera para um bom desenvolvimento onde o aluno tem a oportunidade de participar apresentando as suas ideias, fomenta um clima no qual o respeito e confiança mútua sejam à base do trabalho.*

*Hoje quase terminando o curso pude compreender que o futuro pedagogo convive com seus alunos em uma sala prazerosa onde o lúdico é parte ativa no processo, que possa assimilar os seus conhecimentos brincando e ajudar todos aqueles com maiores dificuldades, e que possam transmitir a seus familiares e ter a oportunidade de ter o entendimento do meio em que vive, fazendo melhoramentos a sua auto-estima e sua vida profissional.*

*Uma vez que todo professor precisa de uma boa base teórica, ser permissível a diferença, valorizar a diversidade com riqueza de conhecimento e ter competências*



*e muitas habilidades. Assim, nosso curso de pedagogia mostrou o quanto é amplo a nossa função social como alfabetizador que precisa ser sensível ao diferente e ter o desejo de conhecer para poder intervir na realidade.*

*A educação do futuro precisa das crianças de hoje, do rol de leituras que elas vão possuir, dos profissionais que irão conduzir, dos ambientes que elas vão viver e conviver. A reflexão que faço dessa formação é que ela foi um constante desafio, esforço, determinação, ousadia e perseverança, motivação sem as quais tornava inviável o sucesso.*

*Desse modo, quero trilhar meu caminho na educação formando pessoas críticas/reflexivas e atuantes na sociedade que reconheça o valor da educação como a própria vida, pois a educação não é tudo, mas sem ela não somos nada. A sociedade não pode ser plasmada a força, precisamos do diálogo do entendimento da discussão com respeito as ideias e a democracia que vivemos.*

*A aprendizagem desperta processos internos de desenvolvimento que só podem ocorrer quando os indivíduos interagem com outras pessoas. O processo de ensino – aprendizagem que ocorre na escola propicia o acesso dos membros imaturos a cultura letrada, ao conhecimento construído e acumulado pela ciência.*

*Nesse postulado as Universidades precisam formar profissionais capazes de articular o fazer e o pensar pedagógico para intervir-nos mais variados contextos sócio-históricos e organizacionais que queiram sua competência e consciente de sua história e comprometidos com os anseios de outros sujeitos.*

*Obrigado, professores, tutores, coordenadores, colegas, dentre tantos outros o meu muito obrigado.*